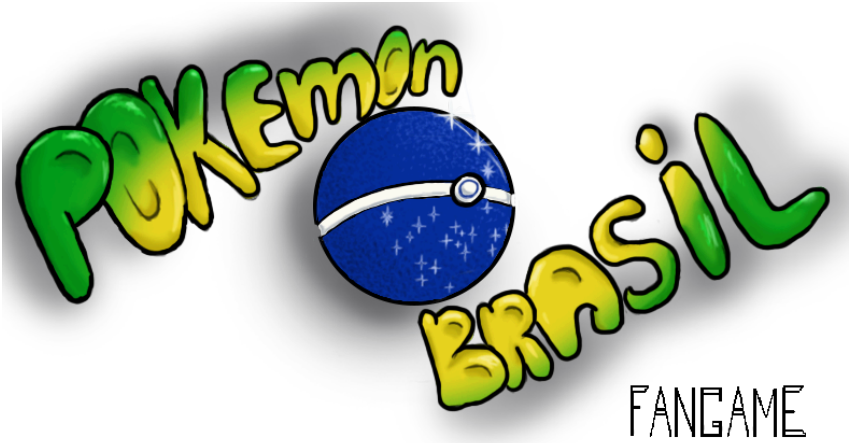


A HISTÓRIA

SUMÁRIO

PRÓLOGO A explosão

PARTE 1 Formatura

PARTE 2 Fazenda

PARTE 3 Teresina

PARTE 4 Tinha emboscada

PARTE 5 Colaboradores!

PARTE 6 Sequestrado

PARTE 7 Em casa

PARTE 8 A Grutinha

PARTE 9 Como um pombo

PARTE 10 Sala de aula 3

PARTE 11 A sala do campeão

PRÓLOGO

A explosão

Primeiro vem o estrondo. Depois, um silêncio estranho, como se o mundo ainda não tivesse decidido se acabou ou não.

Então a poeira começa a baixar.

O laboratório está irreconhecível. As bancadas estão viradas, os vidros estilhaçados cobrem o chão como areia, e o que antes eram máquinas agora são carcaças retorcidas, algumas ainda soltando faíscas e fumaça. Um alarme agoniza em algum canto, sem força. O teto range. Pedaços de reboco se soltam e caem aqui e ali. O lugar inteiro parece prestes a desabar.

No meio dos destroços, um homem mais velho está caído no chão. O jaleco está rasgado e manchado. Ele tenta se apoiar num cotovelo e não consegue.

A poucos metros, um rapaz se levanta tossindo. Tem vinte anos. Está sujo de fuligem, com um corte na testa e a roupa rasgada, mas está de pé. Leva um segundo para entender onde está. Quando entende, corre.

— A... Alberto!?

Ele se ajoelha ao lado do velho e tenta erguê-lo pelos ombros.

— Arghhh. — O velho geme, e a voz sai fraca, arranhada. — Não estou bem... Não devo conseguir sair dessa, não há mais chance para mim.

— Me dê apenas mais alguns minutos, eu não posso deixar você aqui!

O rapaz olha em volta, procurando uma saída, alguma coisa, qualquer coisa. O teto range de novo.

— Você ainda é jovem — diz o velho, segurando o braço dele com a pouca força que lhe resta. — Não pode desperdiçar tudo por um velho como eu.

— Mas eu...

— Pare com isso! Fuja daqui agora, e jamais desista do seu sonho outra vez. A pesquisa deve continuar. Precisamos aprender a clonar Pokémons, o mundo está precisando disso. Você precisa disso...

A respiração dele fica mais curta. Os dedos apertam o braço do rapaz uma última vez.

— E por favor, quando for preciso, cuide bem dele...

— Alberto!???

A mão do velho escorrega e cai no chão, entre os cacos de vidro. Os olhos dele não se movem mais.

— NÃÃÃÃO!

O grito ecoa pelo laboratório destruído e se perde na fumaça. O rapaz fica ali, ajoelhado, os ombros tremendo, a testa encostada no peito do velho.

— Eu vou... — A voz falha. — Eu vou continuar... Eu prometo!

* * *

É noite, e chove forte sobre a floresta ao redor do laboratório. A água escorre pelas folhas, pinga dos galhos, transforma a terra em lama. Ao longe, ainda dá para ver o brilho fraco do que sobrou do prédio.

O rapaz está parado entre as árvores, encharcado, sem fazer nenhum esforço para se proteger da chuva. O nome dele é Taldo.

Diante dele está outro homem: José. O rosto de José está duro, e a voz sai baixa, contida, cada palavra pesando.

— Como você pôde? Todos sabíamos do risco de se continuar a pesquisa da clonagem! Eu mandei parar porque sabia que coisas como essa poderiam acontecer. E você não obedeceu. O que não é surpreendente para um aluno de 20 anos.

Taldo levanta a cabeça.

— Esse projeto é essencial para a vida dos Pokémons, não podemos pará-lo logo agora que estamos tão próximos de concluí-lo.

— Já corremos riscos demais, não quero perder mais ninguém.

— Alberto nunca iria querer isso. Ele também queria continuar.

Por um instante, José não diz nada. A chuva preenche o silêncio.

— Todos queríamos, Taldo. Mas você não foi responsável suficiente para compreender que tínhamos que parar. E agora Alberto se foi.

José vira as costas e vai embora, sumindo entre as árvores e a chuva.

Taldo não o segue. Fica ali, sozinho na floresta, olhando para o escuro por onde o outro desapareceu, enquanto a água escorre pelo rosto dele e ninguém pode dizer o que é chuva e o que não é.

* * *

Quinze anos depois.

PARTE 1

Formatura

A primeira coisa que vejo quando abro os olhos é a tela do computador, ainda acesa na escrivaninha, do jeito que deixei na noite anterior. A luz da manhã entra pela janela e bate de lado no monitor. No canto da tela, a data: 03/12/2018.

Fico um tempo deitado, olhando para aqueles números.

Hoje é o dia. Catorze anos de colégio, provas, recuperações, cadernos que nunca terminei de preencher, e acabou. Lá fora, Nova Lima acorda devagar, como sempre. Mas, para mim, a cidade parece diferente. Parece um lugar de onde se sai.

Desço as escadas de dois em dois degraus.

Minha mãe está na sala, e pela cara dela já estava me esperando. Ela abre um sorriso largo e me dá os parabéns antes mesmo de eu chegar ao último degrau. Terminei o colégio. Ela diz isso com cara de coisa enorme, e talvez seja.

— Seu pai estaria muito orgulhoso — ela diz. — Ele queria estar aqui, você sabe. Mas está trabalhando.

Eu sei. Meu pai, José, é líder do ginásio do tipo Elétrico, e líder de ginásio não tem muito dia de folga. Mesmo assim, por um segundo, olho para a porta, como se ele pudesse entrar por ela.

Minha mãe cruza os braços e assume o tom de quem já planejou o meu dia inteiro.

— Agora você pode começar a sua jornada Pokémon. Mas, antes, duas coisas: buscar o seu diploma no Colégio Santo Arbustinho e passar no laboratório do Professor Oliveira para pegar o seu primeiro Pokémon.

Não preciso que ela repita. Já estou na porta.

* * *

O Colégio Santo Arbustinho é o mesmo de sempre: os corredores compridos, o cheiro de cera no chão, os murais cheios de avisos que ninguém lê. Mas hoje ele está quieto, quase vazio, e meus passos fazem mais barulho do que deveriam.

A diretora me recebe na sala dela. Fala um pouco sobre o futuro, sobre os anos que passei ali, sobre como o mundo lá fora é grande. Depois pega um envelope em cima da mesa e me entrega o diploma.

Mal tenho tempo de abrir.

Um estrondo enorme sacode a janela. Os vidros vibram, um quadro escorrega na parede, e a diretora se agarra à mesa. Por um instante, nenhum de nós diz nada.

O barulho veio do lado do laboratório do Professor Oliveira.

Eu saio correndo.

* * *

Já da rua dá para ver a fumaça.

A porta do laboratório está escancarada. Lá dentro, tudo foi revirado: estantes no chão, papéis espalhados, equipamentos quebrados, gavetas arrancadas e jogadas pelo caminho. Os cientistas andam de um lado para o outro sem saber direito o que fazer, uns recolhendo o que sobrou, outros só olhando para a bagunça. No meio

deles, o Professor Oliveira, desesperado, passando a mão pela cabeça, indo de uma ponta à outra da sala sem conseguir parar quieto.

Quando me vê, ele vem quase correndo.

— Fomos roubados! — ele diz, atropelando as palavras. — Vários criminosos. Entraram aqui procurando alguma coisa. Levaram quase todos os Pokémon.

— E o senhor? Está bem?

— Estou, estou. Graças a uma pessoa que eu nunca tinha visto. — Ele balança a cabeça, aflito, ainda sem acreditar. — Apareceu do nada, de máscara. Enfrentou aquela gente toda, me tirou do meio deles. Eu não consegui ver o rosto. E ainda salvou alguns dos Pokémon. Eles caíram lá no quintal.

Uma pessoa mascarada. Olho para a porta arrombada e tento imaginar a cena. Não consigo.

* * *

O quintal do laboratório está em silêncio, um silêncio diferente do resto. A grama está pisada, há marcas de batalha no chão. E, espalhadas pelo gramado, estão elas: as Pokébolas dos Pokémon que escaparam.

São quarenta e duas. Quarenta e dois Pokémon iniciais diferentes, cada um na sua Pokébola, caídas onde rolaram durante a confusão.

Ando entre elas devagar. Pego uma, olho, devolvo. Pego outra. Não sei explicar como acontece, mas, quando seguro uma delas, eu sei. É essa.

Aperto o botão, e o meu primeiro parceiro aparece na minha frente.

Volto ao laboratório com ele ao meu lado. O Professor Oliveira já parece um pouco mais calmo. Ele sorri quando nos vê juntos.

— Agora pode seguir em frente. Se divirta na sua jornada!

Eu já estou me virando para sair quando ele me chama de novo.

— Ah! E esse homem mascarado que nos salvou deixou cair isto aqui.

Ele estende a mão. É um relógio de pulso. Simples, com a pulseira um pouco gasta. Pego o relógio e fico olhando para ele sem saber o que dizer.

— Fique com ele — diz o professor. — Se encontrar esse homem na sua jornada, devolva a ele.

Guardo o relógio. Não faço a menor ideia de quem seja o dono.

* * *

Saio de Nova Lima pela Rota 14, rumo a Belo Horizonte. O caminho é cheio de mato alto, e cada barulho entre as folhas me faz olhar para os lados. Meu parceiro anda na frente, curioso com tudo.

No meio da rota, alguém está parado no caminho, à minha espera.

É o Alê.

— Demorou, hein? — ele diz, com aquele sorriso de quem já ganhou alguma coisa. — Se vamos começar essa jornada, que seja com uma batalha.

Nem discuto. Com o Alê, nunca adianta.

Ele manda um Tynamo. A batalha é rápida e atrapalhada, nós dois ainda aprendendo a dar ordens, nossos Pokémon ainda aprendendo a nos ouvir. Mas, no fim, sou eu que venço. O Alê bufa, recolhe o Tynamo e me dá um tapinha no ombro, prometendo que da próxima vez vai ser diferente.

Sigo viagem com o coração ainda acelerado.

* * *

Belo Horizonte é feita de ladeiras. As ruas sobem e descem o tempo todo, e de qualquer canto da cidade dá para ver montanhas no

horizonte. Pergunto pelo ginásio e me apontam para cima: ele fica no alto de uma das montanhas, o oitavo ginásio do país.

Procuro um caminho até lá e não encontro nenhum. Ainda não.

Fica para depois. Sigo pela Rota 12 até Goiânia.

* * *

Assim que chego a Goiânia, quem me recebe é a minha avó, a mãe do meu pai. Ela mora aqui, e pelo jeito alguém avisou que eu viria, porque está me esperando na entrada da cidade. Quando me vê, abre os braços e vem na minha direção, rindo, e me aperta num abraço que quase me tira do chão.

— Olha só quem virou treinador! — Ela me segura pelos ombros e me olha de cima a baixo, sem esconder o orgulho. — Então quer dizer que agora é para valer? Muito bem! Então deixa a sua avó te explicar como as coisas funcionam.

Para me tornar Campeão do Brasil, preciso vencer o Campeão. Mas, antes dele, há a Elite dos 4, os quatro treinadores mais fortes do país, que ficam em Brasília, logo ao norte de Goiânia. E, para ter o direito de enfrentar a Elite dos 4, preciso de dezoito insígnias: vencer os líderes de dezoito ginásios espalhados pelo Brasil.

— Dezoito — repito.

— Dezoito! — ela confirma, animada, como se fosse a melhor notícia do mundo.

Depois, me puxa pelo braço para dentro da casa dela.

Lá dentro, pela primeira vez desde que cheguei, o sorriso dela some.

— Eles voltaram.

Ela diz isso devagar, e eu sinto um frio estranho na nuca.

— Anos atrás — continua —, várias pessoas se juntaram em equipes criminosas. Cada uma com seus planos. Umas queriam

roubar Pokémon, outras queriam dominar o mundo. A Equipe Rocket, a Equipe Galactic... Você já ouviu falar.

Já ouvi. Todo mundo já ouviu.

— Agora elas voltaram. E estão mais poderosas, porque não estão mais separadas. Estão unidas. E têm um novo líder.

— Quem?

— Eu não sei. — Ela suspira. — Não sei quem é, nem o que eles querem.

Ficamos um tempo em silêncio. Então ela segura o meu ombro.

— Você agora é um treinador. E o dever de um treinador é proteger o Brasil desse tipo de gente. O primeiro ginásio fica em Campo Grande, ao sul daqui, pela Rota 1. É bem possível que você encontre alguns desses criminosos pelo caminho. Se encontrar, tire eles de lá.

Antes que eu possa responder, o brilho volta aos olhos dela, e ela já está de pé.

— Mas, primeiro, vamos ver se você está pronto!

E me desafia para uma batalha.

Minha avó batalha bem, melhor do que eu esperava, e se diverte com cada golpe. Mas eu venço. Quando acaba, ela recolhe o Pokémon dela e bate palmas.

— Isso! Você já é forte o bastante para proteger o Brasil.

* * *

A Rota 1 não é tranquila.

O primeiro criminoso aparece logo na saída de Goiânia, com o uniforme da Equipe Rocket. Venço. Mais à frente, outro, este da Equipe Galactic. Depois, um da Plasma. Um da Magma. Um da Aqua.

Quando derrubo o último, paro no meio da estrada, ofegante, e olho para trás, para o caminho que acabei de percorrer.

Uma equipe de cada. Na mesma rota, no mesmo dia, todos guardando o mesmo caminho.

* * *

Chego a Campo Grande no fim da tarde, cansado, com a mochila mais pesada do que quando saí. O ginásio está aberto.

Por dentro, ele parece uma floresta: plantas por todos os lados, cipós pendurados, cheiro de terra molhada. É o ginásio do tipo grama, e a líder é a Vanessa da Mata. Ela me recebe com tranquilidade, quase com carinho, e luta exatamente do mesmo jeito: sem pressa, sem desespero, até o último Pokémon.

É a batalha mais difícil da minha vida até agora. E eu venço.

Ela me entrega a insígnia, e eu fico um tempo olhando para ela na palma da mão.

A primeira. Faltam dezessete.

* * *

Subo pela Rota 2 até Cuiabá, onde fica o segundo ginásio. A cidade é quente, e o ar parece pesado. Quando encontro o ginásio, porém, ele está fechado.

Na porta, duas mulheres conversam em voz baixa, do jeito que as pessoas conversam quando aconteceu alguma coisa ruim. Chego perto e entro na conversa.

O líder do ginásio, o Zezé di Gamarco, não está ali. Está na fazenda dele, na Rota 3. A fazenda foi invadida.

Uma delas diz o nome "criminosos" baixinho, com medo de dizer alto.

Não penso duas vezes.

* * *

A fazenda fica no meio da Rota 3, cercada de pasto. Mas, quando chego, não tem ninguém cuidando do gado, ninguém trabalhando. Só gente que não devia estar ali. Criminosos, espalhados pelas terras, vigiando a entrada, os celeiros, os caminhos.

Vou abrindo passagem, batalha atrás de batalha, até chegar ao fundo da fazenda.

E lá estão eles.

O Zezé está encurralado contra uma cerca. Diante dele, dois criminosos que não se parecem com os outros. São Tabitha e Courtney, de alta patente da Equipe Magma, a equipe que um dia quis acabar com Hoenn.

— Pela última vez — diz a Courtney. — Os Riolus. Onde estão?

— A gente sabe que eles vivem nas suas terras — completa o Tabitha. — Precisamos deles. Um Lucario consegue ver a aura de qualquer Pokémon. Com eles, encontrar o Mew vai ser fácil.

— Eu já disse — responde o Zezé, sem tirar os olhos deles. — Eu não tenho Riolu nenhum. Eles só aparecem aqui na fazenda, e são selvagens. Nenhum é meu.

O Tabitha ri, sem nenhuma graça.

— Resposta errada.

Os dois dão um passo à frente.

Eu entro no meio.

PARTE 2

Fazenda

Por um segundo, todo mundo fica parado: o Zezé encostado na cerca, os dois da Equipe Magma com a mão nas Pokébolas, e eu no meio, sem saber muito bem de onde tirei a coragem.

— E você é quem? — pergunta a Courtney, me medindo de cima a baixo.

— Alguém que quer ver o ginásio de Cuiabá aberto — respondo. — E, pelo jeito, o dono dele está meio ocupado.

O Tabitha solta uma risada curta.

— Um moleque de Pokébola nova. — Ele dá um passo à frente. — Vai ser rápido.

Não é.

Eles lutam juntos, um cobrindo o outro, com uma segurança que nenhum dos criminosos lá da entrada tinha. Meus Pokémon apanham, eu erro uma ordem, depois outra. Mas aprendo rápido com os erros. Um golpe certo, depois mais um, e, quando o último Pokémon deles cai, os dois ficam olhando para o campo sem acreditar.

A Courtney recolhe o Pokémon dela e fecha a cara. Os dois recuam e vão embora pelo pasto, levando os outros criminosos junto.

Só quando eles somem de vista é que eu percebo que estava prendendo a respiração.

O Zezé se aproxima, ainda ofegante, e aperta a minha mão com as duas dele.

— Rapaz, eu nem sei como te agradecer. Achei que não ia sair dessa.

Ele olha em volta, para a fazenda revirada, e respira fundo. Então abre um sorriso largo.

— Mas sabe como você pode me agradecer? Vai lá no meu ginásio. Eu quero batalhar com você.

E vai na frente, de volta para Cuiabá.

* * *

Faço o caminho de volta sem ninguém no meu pé, o que, depois daquela fazenda, parece quase estranho.

O ginásio de Cuiabá agora está aberto. É um ginásio de terra: chão batido, pedras, poeira subindo a cada passo. O Zezé me recebe no fundo da arena inteiro, sorridente, pronto, sem nenhum sinal da manhã na fazenda.

Ele não alivia em nada só porque eu o salvei. Ainda bem. Uma vitória dada não teria graça.

Quando a batalha termina, ele me entrega a insígnia com orgulho.

A segunda.

* * *

Saio de Cuiabá e pego a Rota 3 de novo, desta vez seguindo adiante, para o norte. A estrada é longa, e passo boa parte do caminho pensando no que a Courtney e o Tabitha disseram. Riolus. Lucarios que enxergam a aura dos Pokémon. O Mew.

Não sei o que querem com o Mew. Mas não deve ser nada bom.

Chego a Palmas no fim do dia. E, logo na entrada, dou de cara com um policial.

Ele não parece estar ali por acaso. Me observa por um momento e se aproxima.

— Você é o garoto da fazenda do Zezé, não é?

Faço que sim.

— Imaginei. — Ele cruza os braços. — Escuta. Vários criminosos, de vários lugares do mundo, resolveram se juntar aqui no Brasil. Gente que antes trabalhava separada. Agora estão juntos, e têm um líder. Um líder brasileiro.

— E quem é?

— Se a gente soubesse, já teria prendido. — Ele balança a cabeça. — Não sabemos quem é. A única coisa que sabemos é que eles estão atrás do Mew.

O Mew de novo.

— A polícia ficou sabendo do que você fez lá na fazenda — ele continua. — Foi corajoso, eu admito. Mas não devia ter feito. Isso é trabalho da polícia, não de um treinador que acabou de começar.

Abro a boca para responder, mas ele levanta a mão.

— Não estou aqui para te dar bronca. Só para te avisar. Tome muito cuidado com o que você não conhece.

E vai embora, me deixando parado na calçada com aquela frase na cabeça.

* * *

Passo a noite em Palmas e, de manhã, sigo para a saída da cidade. Ainda nem cheguei ao fim da rua quando escuto uma voz conhecida.

— Olha quem eu encontrei!

É o Alê, encostado num poste, com aquele sorriso de sempre.

— Já tenho duas insígnias — ele anuncia, antes mesmo de dizer oi. — E estou indo atrás da terceira, lá em São Luís. Mas, antes, que tal

um treino? Pelos velhos tempos. — Ele estala os dedos. — Te aviso: estou bem mais forte do que da última vez.

Ele está mesmo. Os Pokémon dele estão mais rápidos, mais seguros, e o Alê dá as ordens com uma firmeza que ele não tinha na Rota 14. A batalha demora, e em alguns momentos eu acho que vou perder.

Não perco.

O Alê olha para o Pokémon caído, depois para mim. Espero a reclamação de sempre. Em vez disso, ele ri.

— Cara, olha o que a gente virou. Você também está muito mais forte. — Ele balança a cabeça, quase orgulhoso. — Gosto disso.

Depois enfia a mão na mochila e tira um objeto comprido: um arco de madeira, com um arame esticado de ponta a ponta e uma cabaça presa na base.

— Um berimbau? — pergunto.

— Não é qualquer berimbau. — Ele me entrega com cuidado. — Se você tocar a música certa, ele chama a atenção de Pokémon. Cada música chama um tipo diferente. Dá para chamar Pokémon que podem te ajudar na jornada.

Seguro o berimbau e dedilho o arame. Sai um som torto, desafinado.

O Alê cai na gargalhada.

— É. Você vai ter que aprender a tocar primeiro.

— E você sabe?

— Eu? — Ele dá de ombros. — Fica com você. Um dia você descobre.

Guardo o berimbau na mochila. Por enquanto, não tenho a menor ideia do que fazer com ele.

O Alê já está se afastando, andando de costas.

— Te vejo em São Luís! Se você chegar a tempo!

E sai correndo pela Rota 4. Quando chego ao começo da rota, ele já sumiu no horizonte.

* * *

A Rota 4 é longa e reta, e o calor faz o asfalto tremer lá na frente. Estou no meio dela quando vejo alguém parado ao lado da estrada.

É um homem todo vestido de branco. A roupa é impecável, sem uma mancha, e ele está tão parado que por um momento parece que estava ali só me esperando. Quando chego perto, ele inclina a cabeça, educado.

— Saudações. Meu nome é Taldo. — A voz é calma, quase gentil. — Você é o Pedro, não é?

Paro.

— A gente se conhece?

— Ainda não. — Ele sorri, mas o sorriso não chega aos olhos. — Assisti à sua batalha com o seu amigo, lá na saída de Palmas. Você parece uma pessoa promissora, Pedro. Tem habilidades... diferenciadas.

Não sei bem o que responder. Ele continua, sem esperar resposta.

— Estou formando um grupo. Treinadores fortes, de alta performance, gente que pode ir muito longe. — Ele faz uma pausa. — Gostaria que você fizesse parte dele.

Penso por um segundo. Só um.

— Obrigado, mas não. O meu sonho é me tornar o maior treinador do Brasil. Sozinho, do meu jeito.

Ele não insiste. Só faz que sim, como quem anota uma informação.

— Compreendo. Agradeço o seu tempo, Pedro.

Ele dá dois passos para ir embora. Então para, se vira um pouco e olha para o meu pulso.

— A propósito, belo relógio. Mas está adiantado.

E vai embora pela estrada, sem pressa, até virar um ponto branco no meio do calor.

Olho para o relógio por um segundo e dou de ombros. Gente estranha é o que não falta nessas rotas.

* * *

São Luís chega no fim da tarde, com cheiro de mar e casarões coloridos de azulejo. O terceiro ginásio está aberto, e por dentro ele é puro calor: brasas, labaredas, o ar tremendo como na Rota 4. É um ginásio de fogo, e o líder é o Faustasso.

Ele luta como o ginásio dele: quente, rápido, sem dar tempo para respirar. Saio de lá suado, cansado, mas com a terceira insígnia na mão.

O próximo ginásio fica em Fortaleza. Para chegar lá, preciso sair de São Luís, passar por Teresina e de lá subir para Fortaleza. Parece simples.

Não é.

* * *

Na saída de São Luís, um policial está parado no meio do caminho. Quando me vê, se coloca bem na minha frente.

— Você não vai passar por aqui.

— Por quê?

— Ordens. — Ele cruza os braços. — Fui instruído a não deixar você passar. Você, especificamente.

Olho para ele sem entender.

— Instruído por quem?

Ele se inclina um pouco, baixa a voz e, sem nenhuma vergonha, me mostra o que tem na mão: um Lava Cookie, meio comido.

— Me deram isto aqui para eu não te deixar passar. — Ele dá mais uma mordida. — Mas, olha... se você me arrumar dois desses, eu posso esquecer essa ordem.

Fico um tempo olhando para ele, tentando decidir se é sério.

É sério.

Não faço ideia de quem subornou um policial com um biscoito para me barrar, nem por quê. Mas, de todo jeito, preciso passar.

* * *

Pergunto pela cidade onde arrumar Lava Cookies, e todo mundo aponta para o mesmo lugar: o Monte Sem Cabeça, um vulcão ali mesmo, em São Luís, o único lugar onde se encontra esse biscoito.

Lá dentro, o calor é de outro mundo, e os corredores se dividem tanto que em pouco tempo eu já não sei se estou subindo ou descendo. Num deles, encontro um explorador perdido, coberto de fuligem. Ele entrou no vulcão para catar biscoitos e vender na cidade, e não achou mais a saída. Eu o tiro de lá e, do lado de fora, ele abre a bolsa cheia de Lava Cookies e me entrega dois sem pensar duas vezes.

— É o mínimo — diz.

Volto para a cidade pensando em quem subornou aquele policial. Usar como suborno um biscoito que se encontra na mesma cidade, num vulcão onde qualquer aventureiro pode entrar... Não foi exatamente um plano genial.

* * *

Volto ao policial e estendo os dois biscoitos.

Ele olha para eles, olha para mim, pega os dois e dá um passo para o lado.

— Boa viagem.

Sigo pela Rota 5 rumo a Teresina. Já estou na metade do caminho quando cruzo com dois policiais vindo na direção contrária, conversando alto.

— ...aceitou suborno, acredita? — diz um deles. — Lá em São Luís. Um policial.

— A gente vai prender esse sujeito hoje mesmo.

Os dois passam por mim sem prestar atenção.

Prefiro não comentar.

* * *

Teresina me recebe com um calor seco e um céu sem nenhuma nuvem. Mal piso na cidade e alguém aparece na minha frente.

A pessoa está coberta da cabeça aos pés por uma manta escura, e no rosto usa uma máscara. Não dá para ver nada: nem o rosto, nem os olhos direito, nem as mãos.

— Pedro.

Sabe o meu nome.

— Você provavelmente não sabe quem eu sou.

Não sei mesmo. Hesito, sem saber se devo dar um passo para trás.

— Pode me chamar de Mascarado. — A voz é baixa, apressada. — Não tenho muito tempo para explicar. Preciso que você confie em mim.

— Confiar? Eu nem sei quem você é.

— Eu sei. — O Mascarado olha para os lados, conferindo se alguém está ouvindo. — Primeiro: tome cuidado com o homem de branco. Aquele que você encontrou na Rota 4.

O homem de branco. O Taldo.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, o Mascarado aponta para o fundo da cidade.

— Segundo: o laboratório de Teresina está sendo atacado agora. Eu preciso da sua ajuda para impedir.

Ele já está se virando.
— Me siga.

PARTE 3

Teresina

O Mascarado anda depressa pelas ruas de Teresina, a manta escura balançando a cada passo, e eu preciso quase correr para acompanhar. Ele não olha para trás nenhuma vez. Parece ter certeza de que eu estou vindo.

O laboratório fica no fim de uma avenida larga. Já de longe dá para ver a porta da frente escancarada.

O Mascarado para a alguns metros da entrada.

— Vamos entrar juntos — ele diz. — Vai na frente. Eu estou logo atrás de você.

Hesito por meio segundo. Depois entro.

* * *

Reconheço a cena antes mesmo de entender o que estou vendo.

Estantes no chão. Papéis espalhados. Gavetas arrancadas. Equipamentos quebrados, vidro por todo lado. É o laboratório do Professor Oliveira de novo, só que em outra cidade, com outras paredes. A mesma bagunça de quem entrou procurando alguma coisa e não se importou com o que destruiu pelo caminho.

E, desta vez, os criminosos ainda estão aqui.

Eles estão por toda parte: nos corredores, nas salas, revirando arquivos, vigiando as portas. Assim que me veem, vêm para cima. Um, depois dois, depois mais um. Vou abrindo caminho batalha atrás de batalha, avançando sala por sala, até chegar ao fundo do laboratório.

Lá, um grupo de cientistas está encolhido contra a parede. E, diante deles, dois criminosos que não se parecem com os outros.

Uma mulher e um homem, com o uniforme da Equipe Aqua. Shelly e Matt. Pelo jeito como os outros abrem caminho para eles, não são soldados comuns.

Quando me veem, a Shelly arregala os olhos.

— Você? — Ela olha para o Matt, depois para mim de novo. — Como é que você chegou até aqui?

— A gente pagou aquele policial para te segurar em São Luís! — o Matt explode. — Era para você estar parado lá até agora!

— Ele aceitou uma oferta melhor — digo.

O Matt fecha os punhos.

— Chega de conversa.

Os dois lutam juntos, como Tabitha e Courtney lutaram na fazenda: um cobrindo o outro, sem dar espaço. Mas dessa vez eu sei o que esperar. Quando o último Pokémon deles cai, os dois se entreolham, e não precisam dizer nada. Saem correndo pelo corredor, e os outros criminosos fogem atrás deles.

O laboratório fica em silêncio.

* * *

Os cientistas demoram um pouco para se mexer. Um deles, o mais velho, é o primeiro a se levantar. Ajeita os óculos, olha para a bagunça em volta e depois para mim.

— Obrigado — diz, ainda meio sem fôlego. — De verdade.

— O que eles queriam aqui?

Ele troca um olhar com os outros antes de responder.

— Não somos os primeiros. Vários laboratórios pelo Brasil estão sendo invadidos. Sempre do mesmo jeito. — Ele aponta para as gavetas arrancadas. — Eles acham que nós, cientistas, sabemos onde está o Mew. Entram procurando qualquer informação sobre ele.

O Mew. De novo.

— E por que eles querem tanto o Mew?

— Essa é a pergunta. — Ele balança a cabeça devagar. — O que dá para ver é que o objetivo deles é mesmo capturar o Mew. O porquê... a gente não sabe.

Os outros cientistas vêm me agradecer também, um por um. Fico sem graça. Só fiz o que qualquer um faria. Ou o que qualquer um deveria fazer.

* * *

Quando saio do laboratório, a primeira coisa que vejo é o Mascarado.

Ele está no meio da rua, em pé, e à frente dele há três criminosos. Os três estão com os Pokémon caídos, olhando para o Mascarado sem acreditar no que acabou de acontecer.

Ele enfrentou os três. Ao mesmo tempo.

— Quem é esse cara? — murmura um deles.

Ninguém responde. Os três recolhem os Pokémon e saem correndo.

Paro na porta do laboratório. Eu tinha achado que entendia mais ou menos o que era ser forte. Agora já não tenho tanta certeza.

O Mascarado se vira para mim.

— Obrigado pela ajuda, Pedro.

E, antes que eu consiga perguntar qualquer coisa, ele vai embora. Some numa esquina, e quando chego lá, a rua está vazia.

* * *

Saio de Teresina pela Rota 6, rumo a Fortaleza. A estrada segue em direção ao mar, e em algum momento o vento muda: fica salgado, úmido, cheio de cheiro de praia.

Fortaleza é luz por todo lado. O quarto ginásio fica perto da orla, e lá dentro o vento não para: correntes de ar que sobem e descem, plataformas altas, penas no chão. É um ginásio do tipo Voador, e o líder se apresenta como José, O Louro.

Ele é rápido e imprevisível, e os Pokémon dele atacam de cima, onde é difícil alcançar. Mas, uma hora, eles precisam descer. É aí que eu ganho.

A quarta insígnia.

* * *

Depois de Fortaleza, o caminho para o próximo ginásio passa pelas Dunas do Rosado.

São quilômetros de areia, montanhas inteiras dela, mudando de forma com o vento. O sol bate de cima e reflete de baixo, e eu passo boa parte do caminho com os olhos apertados, procurando qualquer coisa que se pareça com uma trilha. À noite, o frio chega de repente, e eu durmo enrolado em tudo o que tenho na mochila.

No meio das dunas, quase escondida entre elas, fica Natal.

O quinto ginásio é escuro, com luzes baixas e sombras por todo lado. Um ginásio do tipo Sombrio, e o líder é o Whindersson Nudes. Ele luta de um jeito traiçoeiro, cheio de truques, e eu passo metade da batalha tentando adivinhar o que ele vai fazer.

Na outra metade, eu adivinho.

Junto com a quinta insígnia, ele me entrega uma folha de papel com notas desenhadas. É uma partitura. A partitura do Strength:

uma música para o berimbau que chama um Pokémon capaz de empurrar pedras.

Olho para o berimbau, ainda esquecido no fundo da mochila. Finalmente ele vai servir para alguma coisa.

* * *

O sexto ginásio fica em Recife. Para chegar lá, preciso sair de Natal, passar por João Pessoa e só então descer até Recife.

Volto para as Dunas do Rosado, agora do outro lado de Natal.

No meio do caminho, entre duas dunas, uma rocha enorme tampa a única passagem. Tento empurrar. Ela não se mexe nem um centímetro.

Tiro o berimbau da mochila e a partitura do bolso. Leio as notas devagar e toco. Sai torto, desafinado, e por um momento acho que não vai dar em nada. Mas, lá pela terceira tentativa, a música sai inteira. A areia se mexe ao meu lado, e aparece um Pokémon forte, pesado, que olha para mim, olha para a rocha e empurra. A pedra rola duna abaixo, e o caminho se abre.

O Alê tinha razão. Eu só precisava aprender a tocar.

Estou quase chegando a João Pessoa, subindo uma duna, quando ouço vozes do outro lado.

Me abaixo na areia e espio por cima.

São dois criminosos, sentados num pedaço de sombra, conversando como quem não tem medo de ninguém ouvir.

— ...no observatório de João Pessoa — diz um deles. — É lá que a gente vai pegar ele.

— O tal do Pedro?

— Esse mesmo. Uma emboscada. Ele não vai nem saber de onde veio.

Os dois riem.

Fico ali, abaixado, até eles irem embora. Depois desço a duna devagar, com o coração batendo forte.

Uma emboscada. Para mim.

* * *

João Pessoa é a primeira cidade em muito tempo que me parece tranquila. As ruas são calmas, o mar fica logo ali, e as pessoas andam devagar, sem pressa nenhuma. Dou uma volta pela cidade, tentando colocar as ideias no lugar.

Eu sei que tem uma emboscada no observatório. Sei exatamente onde ela está. A coisa mais inteligente a fazer é simplesmente não entrar lá.

Mesmo assim, meus pés me levam naquela direção. Não para entrar. Só para ver. Só para saber o que está acontecendo.

O observatório fica num ponto alto da cidade, com uma cúpula branca no topo. Estou a algumas ruas dele quando alguém aparece na minha frente.

A manta escura. A máscara.

O Mascarado.

— Pedro. — Ele fala como se tivesse marcado um encontro comigo. — Preciso de mais um favor seu. Me siga.

E vai andando, sem esperar resposta, direto para o observatório.

Eu vou atrás. Não sei bem por quê.

Ele só para quando está de frente para a entrada principal. Então se vira para mim.

— Preciso que você entre aí.

— Não. — Dou um passo para trás. — Tem uma emboscada aí dentro. Eu ouvi dois deles combinando. Estão esperando por mim.

O Mascarado me olha por um momento através da máscara.

— Não vai ter emboscada nenhuma — diz. — Pode confiar em mim.

E, antes que eu possa responder, ele põe a mão nas minhas costas e me empurra para dentro.

PARTE 4

Tinha emboscada

Tropeço para dentro e quase caio de cara no chão.

Quando consigo me equilibrar, eles já estão ali. Criminosos saindo de trás das colunas, de trás dos balcões, da escada, de todos os lados ao mesmo tempo, como se estivessem esperando exatamente aquele momento. E estavam.

— Olha só quem veio — diz um deles, sorrindo. — Bem na hora.

Tinha emboscada, sim.

Não dá tempo de pensar em mais nada. Eles atacam juntos, e eu jogo os meus Pokémon na frente o mais rápido que consigo. A batalha não é uma batalha: é uma confusão, ordens gritadas de todos os lados, golpes vindo de onde eu não espero. Em alguns momentos, fico com dois, três Pokémon contra os meus de uma vez. Recuo até as costas baterem na parede.

Mas não paro.

Um cai. Depois outro. Meus Pokémon estão no limite, eu estou no limite, mas a cada criminoso que derrubo sobra um pouco mais de espaço para respirar. Quando o último deles recolhe o Pokémon e sai correndo pela porta, eu continuo no meio do salão, ofegante, sem acreditar que acabou.

Só então consigo olhar em volta.

O andar de baixo do observatório está revirado, mas não tanto quanto os laboratórios de Teresina e do Professor Oliveira. Algumas cadeiras viradas, papéis no chão, um armário aberto. Nada como antes.

Há uma escada no canto, subindo para o segundo andar. Subo.

* * *

Lá em cima, o observatório é outro mundo. O teto é a própria cúpula, com uma abertura para o céu e um telescópio enorme apontado para cima. Tudo está no lugar. Os cientistas estão debruçados sobre mesas cheias de cálculos e mapas de estrelas, e só levantam a cabeça quando eu entro, ainda sem fôlego.

— Vocês estão bem? — pergunto. — Lá embaixo...

— Lá embaixo o quê?

Conto do ataque, da emboscada, dos criminosos. Eles se entreolham.

— Ataque? — Um deles franze a testa. — Que ataque, rapaz? Aqui não aconteceu nada.

— Eu acabei de lutar com eles. Lá embaixo. Agora.

Um dos cientistas solta uma risadinha. Outro balança a cabeça, com pena.

— Você deve estar cansado. Ou com a cabeça cheia. — Ele volta para os papéis. — Aqui não teve ataque nenhum. Ninguém viu nada.

Fico parado ali mais um momento, olhando para eles. Depois desço a escada devagar.

Saio do observatório. Olho para a entrada, para a rua, para as esquinas.

O Mascarado não está mais lá.

* * *

Sigo pela Rota 7 até Recife. É uma cidade grande e barulhenta, cheia de pontes e de rios cortando as ruas, e o sexto ginásio fica bem no centro.

Mal chego e um homem vem andando apressado na minha direção.

— Você é treinador, não é? Vai para o ginásio? — Ele nem espera a resposta. — Não adianta. O Spider não está lá. A casa dele foi atacada! A polícia acabou de descobrir, estão indo para lá agora.

— Onde é a casa dele?

— Em Aracaju.

Faço as contas de cabeça. Para chegar a Aracaju, preciso sair de Recife pela Rota 8 até Maceió, e de Maceió seguir pela Rota 9. Um bom pedaço de estrada.

Nem paro para pensar.

* * *

A Rota 8 passa depressa. Chego a Maceió no meio da tarde, com o mar verde de um lado e a cidade do outro.

Estou atravessando uma praça quando vejo alguém correndo do outro lado da rua.

A manta escura. A máscara.

— Ei! — grito. — Mascarado!

Ele para de repente, no meio da calçada. Se vira para mim por um segundo, só um.

— Foi mal — diz. — Não posso te ajudar a salvar o Spider.

E sai correndo de novo, antes que eu consiga atravessar a rua.

Fico parado na praça, olhando para a esquina onde ele sumiu, por um tempo que parece longo demais.

Depois sigo em frente.

* * *

A Rota 9 está cheia de criminosos.

Eles estão espalhados pela estrada, vigiando o caminho. Um me barra logo na entrada da rota, outro mais à frente, mais dois perto de uma ponte. Vou abrindo passagem, um de cada vez, e fica cada vez mais claro que não estão ali por acaso. Alguém não quer que ninguém chegue a Aracaju.

Chego mesmo assim.

A casa do Spider é fácil de achar: é a que tem um policial parado na frente do portão, de braços abertos, impedindo qualquer um de passar.

— Está tudo sob controle — ele diz, assim que me vê. — A polícia acabou de chegar. Estamos esperando reforços.

Olho para ele. Olho para a casa. Lá de dentro vem um barulho de batalha.

— Sob controle?

Ele não responde. Eu passo por ele e entro.

* * *

A casa está tomada de criminosos. E, no meio deles, lutando contra três de uma vez, está alguém que eu conheço muito bem.

— Alê?!

Ele vira a cabeça e abre um sorriso enorme.

— Chegou atrasado, hein? — Ele aponta com o queixo para os criminosos. — Veio salvar o Spider também? Então chega mais. A gente divide.

Fico do lado dele, e de repente estamos lutando em dupla, e parece até ensaiado. O Alê ataca de um lado, eu do outro. Um cobre o outro. Os criminosos vão caindo, um atrás do outro, e a gente vai avançando pela casa até chegar à sala dos fundos.

Lá está o último deles. Não é um criminoso qualquer: o uniforme é da Equipe Galactic, e ele tem a postura de quem manda nos outros. O nome dele é Charon.

A batalha contra ele é dura, mesmo com nós dois. Quando ele percebe que vai perder, para e olha direto para mim.

— Então você é o tal do Pedro. — Ele ajeita os óculos, quase entediado. — Os nossos já sabem quem você é, garoto. Mas, se te serve de consolo, o nosso líder não acha que você seja uma ameaça de verdade.

E então ele perde.

* * *

No canto da sala, o Spider se levanta do chão. Ao lado dele, firme, um Lucario, ainda em posição de luta. Pelo jeito, não saiu da frente do dono em nenhum momento.

Um Lucario.

Era isso que eles vieram buscar aqui. O Lucario do Spider.

O Spider respira fundo e olha para nós dois.

— Vocês chegaram na hora. — Ele passa a mão no Lucario. — Obrigado.

— Por que eles querem tanto o Mew?

O rosto dele fica sério.

— Agora eu sei. — Ele faz uma pausa. — O verdadeiro plano dessa gente é acabar com os Pokémon. Com todos eles.

O Alê e eu nos olhamos.

— E para isso — continua o Spider — eles precisam do DNA do Mew. O Pokémon primitivo.

O silêncio na sala pesa.

O Spider endireita o corpo.

— Vou voltar para o meu ginásio, em Recife. Quando estiverem prontos, estarei esperando por vocês dois.

E vai, com o Lucario logo atrás.

* * *

Ficamos só eu e o Alê na sala revirada.

Ele se encosta na parede e cruza os braços, com um sorriso diferente, meio orgulhoso.

— E aí, percebeu? Que eu estou mais forte?

— Percebi.

— Estou treinando com um cara. — Ele fala com um entusiasmo que eu nunca tinha visto nele. — Extremamente bom. Sério, Pedro, você não faz ideia. O estilo de batalha dele é diferenciado. E a gente tem ficado muito próximo nesses últimos tempos. Estou aprendendo muito.

Ele desencosta da parede.

— Um dia você conhece. — Já está saindo. — Vou atrás da minha sexta insígnia. Te vejo por aí!

E vai embora.

* * *

Saio da casa do Spider logo depois e faço o caminho de volta: Rota 9, Maceió, Rota 8, até Recife.

O ginásio do Spider agora está aberto. É um ginásio de lutadores, com sacos de areia pendurados, tatames, cheiro de suor e de esforço. O Spider me espera no centro da arena, e o Lucario está ao lado dele.

Desta vez, os dois estão do outro lado.

O Lucario luta como se lesse os meus movimentos antes de eu fazer. Talvez leia. Mas, no fim, eu venço o Spider, Lucario e tudo, e ganho a sexta insígnia.

* * *

O sétimo ginásio fica em Salvador. Para chegar lá, volto até Aracaju e sigo pela Rota 10, descendo pelo litoral.

Salvador é música, ladeiras e cor. O ginásio é do tipo Normal, e tem uma surpresa: dois líderes, e não um. Gasimiro e Caules me esperam lado a lado, e a batalha é dupla.

É difícil prestar atenção nos dois ao mesmo tempo. Mas eu já fiz isso com o Alê, na casa do Spider. Ajuda.

Quando venço, os dois me entregam a sétima insígnia e mais uma partitura: a do Rock Smash, uma música que chama um Pokémon capaz de quebrar pedras.

* * *

Saio de Salvador pela Rota 11. Ela termina na entrada de uma caverna: a Gruta de Maquiné.

Eu já tinha ouvido falar dela, mas nada me preparou para o tamanho. É a maior caverna que eu já vi. Os túneis se abrem em salões enormes, e os salões se dividem em mais túneis, e os túneis voltam para os salões, e em pouco tempo eu já não sei se estou indo para frente ou andando em círculos. Passo horas ali dentro. Talvez mais.

O berimbau trabalha o tempo todo. Pedras rachadas fecham alguns túneis, e a música do Rock Smash chama um Pokémon que as quebra com um golpe só. Rochas enormes tampam outros, e o Strength dá conta delas.

Mas, em um desses túneis, o chão começa a subir. E continua subindo. E, quando enfim vejo luz lá na frente e saio para o ar livre, estou no alto de uma montanha.

No alto da montanha de Belo Horizonte.

E, bem na minha frente, o ginásio que eu não tinha conseguido alcançar no começo da jornada.

É um ginásio de pedra, e o líder é o Stronda. A batalha é pesada, lenta, dura como as paredes da gruta. Mas eu venço.

A oitava insígnia.

* * *

A nona insígnia fica no Rio de Janeiro. Para chegar lá, preciso voltar para a Gruta de Maquiné, sair dela pela Rota 13 até Vitória e, de Vitória, seguir para o Rio.

Atravesso a gruta mais uma vez e chego à Rota 13.

E não consigo passar.

Criminosos bloqueiam a rota inteira, um ao lado do outro, como uma parede. Quando tento me aproximar, um deles levanta a mão.

— Ninguém passa por aqui, garoto. Estamos fazendo a segurança.

— Segurança de quem?

— Dos nossos líderes. — Ele aponta para trás de mim, para a entrada da gruta. — Estão lá dentro. Na Ruína dos Unown.

Os líderes. Na gruta.

Dou meia-volta.

* * *

Volto para dentro da Gruta de Maquiné e me perco de novo, por um tempo que parece não acabar. Mas, desta vez, eu sei o que estou procurando, e sigo sempre para baixo.

Na parte mais funda da gruta, encontro.

É uma sala enorme, antiga, escavada na pedra. As paredes estão cobertas de símbolos, centenas deles, todos com formatos de Unown, e há Unown de verdade flutuando no ar, girando devagar, guardando o lugar.

Ando com cuidado, encostado às paredes. Lá no fundo, ouço vozes.

Me escondo atrás de uma pedra e espio.

Há várias pessoas reunidas diante de uma parede com uma inscrição gigante. E eu reconheço os uniformes: Rocket, Magma, Aqua, Galactic, Plasma. Mas não são soldados comuns. São os de alta patente, os que mandam. Os líderes. De todas as equipes.

Todos eles estão de pé, em silêncio, olhando para a mesma pessoa, que está na frente de todos, diante da grande parede.

Ela se vira.

Roupa branca. Impecável.

É o Taldo.

PARTE 5

Colaboradores!

O Taldo ergue uma das mãos, e o silêncio na ruína fica ainda mais fundo.

— Colaboradores!

A voz dele ecoa pelas paredes de pedra, calma e clara, sem nenhum esforço. Não precisa gritar. Todo mundo ali já está ouvindo.

— Eu, Taldo, tenho a satisfação de anunciar que a captura do Mew foi um sucesso.

Um murmúrio passa pelo grupo. Alguém sorri. Atrás da pedra, eu prendo a respiração.

O Mew. Eles conseguiram.

O Taldo espera o murmúrio morrer antes de continuar, e aponta para a grande parede atrás dele, para os símbolos gravados na pedra.

— No entanto, como está escrito nestas ruínas, isso não é suficiente. Vamos precisar de mais. O nosso plano não pode ser concluído sem o verdadeiro criador. — Ele faz uma pausa. — Arceus.

O nome cai na sala como uma pedra num lago.

— A partir de hoje, meus colaboradores, eu declaro aberta a caça ao Arceus.

Ele percorre os rostos à sua frente, um por um, com o mesmo olhar tranquilo que eu vi na Rota 4.

— Cada um de vocês já teve um plano frustrado no passado. E sempre pelo mesmo motivo: os Pokémon. — A voz fica mais baixa, e por isso mesmo pesa mais. — Mas, desta vez, vai ser diferente. Venham comigo. Juntos, vamos criar um mundo novo.

Ele abre os braços.

— Um mundo sem Pokémon!

— Isso! — A resposta vem de todos ao mesmo tempo, num grito só. — Estamos com você, Sr. Taldo!

Eu continuo agachado atrás da pedra, com as mãos frias.

O homem de branco da Rota 4. O que me convidou para um grupo de treinadores de alta performance, que elogiou a minha batalha, que reparou no meu relógio.

* * *

O grupo começa a se dispersar. Os líderes das equipes passam a poucos metros de mim, conversando baixo, e saem pelos túneis da gruta, um atrás do outro. O Taldo é o último. Ele ainda fica um momento parado diante da grande parede, olhando para ela, as mãos para trás. Depois também vai embora, sem pressa nenhuma.

Espero até o último som de passos sumir.

Então saio de trás da pedra e vou até a parede.

De perto, ela é ainda maior. Os símbolos sobem até onde a luz não alcança, e os Unown giram devagar em volta de mim, sem se importar comigo. Procuro a inscrição que o Taldo estava lendo, e leio.

Não é possível destruir algo que o mesmo não criou. Precisa-se encontrar o

criador.

Leio duas vezes. Depois continuo olhando para aquelas palavras, sozinho, no fundo da maior caverna que eu já vi.

* * *

Quando volto à Rota 13, ela está livre. Não sobrou nenhum criminoso, nenhuma parede de gente, nada. Só a estrada, o mato dos dois lados e o barulho dos meus passos.

Ela me leva até Vitória.

Não tenho nada para fazer na cidade, então nem paro. Sigo direto para a ponte que leva à Rota 15, com o mar brilhando lá embaixo. Estou no meio da subida quando alguém grita o meu nome.

— Pedro! Pedro, aqui!

Conheço essa voz.

É a minha avó, lá na areia, de chapéu e óculos escuros, acenando com os dois braços. Em volta dela, umas senhoras em cadeiras de praia olham para mim com curiosidade.

Desço da ponte e vou até elas. Minha avó já está de pé, de braços abertos, com um sorriso do tamanho da praia.

— Olha só! O meu neto, aqui em Vitória! — Ela se vira para as amigas. — É ele, o treinador que eu falei!

As senhoras acenam. Uma delas me oferece um biscoito. Aceito.

— Estou aproveitando a praia com as meninas — minha avó explica, rindo. — Amigas de muitos anos. E você? Me conta. Como estão as coisas?

Conto. As insígnias, a fazenda, os laboratórios. E, por fim, a Ruína dos Unown, o discurso, a parede.

— Eles estão atrás do Arceus — digo.

O sorriso dela vai diminuindo enquanto eu falo. Quando termino, ela fica um momento em silêncio, olhando para o mar.

— O Arceus... — Ela balança a cabeça devagar. — Isso é sério, Pedro. Muito sério.

Então se ajeita na cadeira e começa a explicar, do jeito de quem já viveu muita coisa e ouviu falar de outras tantas.

— Para capturar o Arceus, não basta ir atrás dele. Eles vão precisar do trio da criação: Palkia, Dialga e Giratina. E de uma flauta, a Azure Flute. — Ela levanta um dedo. — Só que ninguém sabe onde essa flauta está. Faz séculos.

— E o trio da criação?

— Para chamar o trio da criação, eles vão precisar de outro trio. O trio dos lagos: Mesprit, Uxie e Azelf. — Ela aponta para a cidade atrás de nós. — E, olha que sorte, aqui em Vitória tem muita informação sobre eles. Procura por aí. Alguém vai saber te dizer onde eles estão.

* * *

Passo o resto do dia rodando por Vitória, de porta em porta, até encontrar alguns cientistas que estudam o trio dos lagos. Eles me mostram mapas, anotações, desenhos antigos, e no fim eu sei onde fica cada um.

A Mesprit vive numa pequena gruta no Rio Paraná. A Uxie, na Lagoa de Jijoca. A Azelf, na Lagoa Mundaú.

Três lugares. Cada um num canto do Brasil.

Volto para a praia com tudo anotado, e minha avó fica tão feliz que aplaude.

— Esse é o meu neto! — Ela segura as minhas mãos. — Agora me escuta, porque isso é importante. Vai atrás da décima insígnia o mais rápido que puder. Com ela, você ganha a partitura do Fly.

— Fly?

— Uma música para o seu berimbau. Ela chama um Pokémon que voa, e ele te leva aonde você precisar. — Ela aperta as minhas mãos. — Andando, você não chega a tempo nessas lagoas. Voando, chega antes deles.

Faço as contas. A décima insígnia fica em São Paulo. Mas, antes dela, vem a nona, no Rio de Janeiro.

Me despeço dela, das amigas, e do biscoito, e subo de volta para a ponte.

* * *

A Rota 15 segue pelo litoral, e o Rio de Janeiro aparece de repente, entre os morros, com o mar de um lado e a cidade espremida do outro.

Vou direto para o nono ginásio. É um ginásio de Aço: paredes de metal, chão de chapa, o eco de cada passo voltando dos cantos. O líder é o General Nascimento, e ele luta como um general mesmo, com disciplina, sem um movimento desperdiçado. Os Pokémon dele são duros de derrubar. Mas eu derrubo.

A nona insígnia.

Junto com ela, o General me entrega mais uma partitura: a do Surf. Uma música que chama um Pokémon capaz de atravessar a água comigo nas costas.

Agora sim, posso seguir para o sul.

* * *

Saio do Rio pela Rota 16. Com o Surf, a água deixa de ser um problema, e em pouco tempo chego à entrada de uma caverna: a Gruta da Cuca.

Lá dentro, é escuro e úmido. A água pinga do teto, e o barulho das gotas se mistura com o dos meus passos.

E, em algum momento, com mais uma coisa.

Um choro.

Paro e escuto. É baixinho, distante, e vem de algum lugar mais fundo da gruta. Um choro de criança.

Prendo a respiração, tentando entender de onde vem. O som some, volta, some de novo. Não sei se é de verdade ou se é o eco brincando comigo. Numa gruta com esse nome, prefiro não pensar muito.

Sigo em frente.

* * *

São Paulo é enorme. Prédios até onde a vista alcança, trânsito, gente andando depressa em todas as direções. Por um momento, só olho.

Depois vou atrás do décimo ginásio.

É um ginásio de tipo Venenoso, cheio de tons de roxo e de um cheiro estranho no ar. A líder é a Bnitta. Ela luta com calma, desgastando os meus Pokémon aos poucos, golpe por golpe, e eu preciso terminar a batalha antes que o veneno termine comigo.

Termino.

A décima insígnia.

Espero a Bnitta me entregar mais alguma coisa. Uma partitura, talvez. Ela não entrega. Só me dá a insígnia, me parabeniza e volta para o fundo do ginásio.

Saio de lá um pouco confuso. Minha avó tinha certeza.

* * *

Mal coloco o pé na rua e um policial vem na minha direção.

— Com licença. Você por acaso viu um garotinho perdido por aí? — Ele já parece ter feito essa pergunta para muita gente. — A mãe dele reportou o desaparecimento ontem. Parece que ele fugiu de casa com medo da Cuca.

— Da Cuca?

— Da Cuca. — Ele dá de ombros. — Não sei se isso te ajuda em alguma coisa. Mas, se você vir o menino, avisa a polícia.

E vai embora antes que eu consiga dizer qualquer coisa.

Não saio do lugar.

Um choro de criança. No fundo da Gruta da Cuca.

Dou meia-volta.

* * *

Desta vez, eu entro na gruta procurando o choro. E encontro.

Ele está encolhido num canto, abraçado aos joelhos, com o rosto sujo de terra e de lágrimas. Quando me vê, se encolhe ainda mais.

— Calma — digo, me abaixando. — Está tudo bem. Sua mãe está te procurando.

Ele me olha com os olhos arregalados.

— A Cuca está me caçando — sussurra.

— Então vamos sair daqui juntos. Eu te levo.

Ele pensa um pouco. Depois se levanta e segura na barra da minha camiseta, e não solta mais.

Vamos andando pela gruta, devagar. Ele não fala nada, só olha para todos os lados. Estamos quase chegando ao fim, já dá para ver a claridade da saída, quando algo se mexe na escuridão à nossa frente.

É um Krookodile. Enorme. E de uma cor que eu nunca vi num Krookodile.

O garotinho grita, apertando a minha camiseta com toda a força.

— É a Cuca!

O Krookodile avança. Coloco o menino atrás de mim e jogo a Pokébola.

É uma batalha difícil. O Krookodile é forte, muito mais forte do que qualquer Pokémon selvagem que eu já enfrentei, e não recua nenhuma vez. Mas, no fim, ele cai.

O garotinho continua agarrado na minha camiseta. Pego a mão dele, e saímos da gruta.

* * *

A luz do dia quase cega depois de tanto tempo no escuro. E, logo na saída, uma mulher vem correndo na nossa direção.

— Meu filho!

Ela se ajoelha e abraça o menino com tanta força que ele some nos braços dela. Fica um tempo assim, sem dizer nada. Depois olha para ele, para as roupas sujas, para o rosto inchado de choro, e começa a falar sem parar: onde é que ele estava, por que fugiu, se está machucado, se comeu alguma coisa.

Só depois ela se lembra de mim.

— Muito obrigada. — Ela segura a minha mão. — De verdade. Eu não sei o que teria feito.

Ela me dá uma recompensa, e depois tira da bolsa uma folha dobrada.

— E isto aqui. Acho que vai ser mais útil para você do que para mim.

Desdobro a folha. São notas desenhadas. Uma partitura.

A partitura do Fly.

Olho para ela, depois para a partitura, depois para ela de novo.

* * *

Toco a música do Fly no berimbau. Ainda sai meio torta, mas funciona: um Pokémon desce do céu, pousa ao meu lado e me deixa subir nas costas dele.

A primeira lagoa é a Mundaú, em Maceió.

O voo é rápido. O Brasil passa lá embaixo, verde, marrom, azul, e em pouco tempo avisto o mar verde de Maceió e, ao lado da cidade, a lagoa. Desço na margem e corro até a água.

Tarde demais.

Um homem da Equipe Galactic está parado na beira da lagoa, sozinho. O nome dele é Saturn.

— A Azelf? — Ele nem tenta disfarçar. — Acabei de capturar.

E é só isso que ele diz.

Batalho com ele mesmo assim. Venço. Mas, quando o último Pokémon dele cai, a Azelf já não está mais ali. Já foi levada.

Perdemos a Azelf.

* * *

Não tenho tempo de lamentar. Chamo o Pokémon de novo, voo para Fortaleza e desço pela Rota 6 até a Lagoa de Jijoca. Na beira da lagoa está a Jupiter, também da Equipe Galactic. A Uxie, ela tinha acabado de capturar. Venço a Jupiter. Não adianta.

Sobra a Mesprit. Voo para Campo Grande, a cidade onde peguei a minha primeira insígnia, e desço o Rio Paraná até a pequena gruta de que os cientistas falaram. Lá dentro, a Mars. Venço, como venci os outros dois. E, de novo, cheguei tarde demais: a Mesprit já foi levada.

Saio da gruta e fico um tempo sentado na margem do rio, olhando a água passar.

Três lagoas. Três vezes tarde demais.

* * *

Não há mais nada que eu possa fazer pelo trio dos lagos. Então faço a única coisa que me resta: sigo em frente.

O décimo primeiro ginásio fica em Curitiba. A cidade é fria, organizada, cheia de árvores e de praças, e o ginásio parece saído de um conto de fadas: cores claras, flores, brilho por todo lado. É um ginásio de tipo Fada, e a líder é a Rainha dos Baixinhos.

Não me deixo enganar pela decoração. Os Pokémon dela são bem mais fortes do que parecem.

Mas eu também sou.

A décima primeira insígnia.

* * *

Saio de Curitiba pela Rota 18, rumo a Florianópolis.

E, no meio da rota, sentado numa pedra, com cara de quem está ali há horas, está o Alê.

Ele se levanta assim que me vê.

— Confesso que fiquei te esperando. — Ele bate a poeira da calça. — Mas por um bom motivo. Desta vez, eu me sinto forte o suficiente para te enfrentar de verdade.

— Você sempre diz isso.

— Desta vez é sério. — Ele sorri, mas é um sorriso diferente dos de antes, menos provocador. — Continuo treinando com aquele cara que eu te falei, da última vez que a gente se encontrou. E... sabe, ele cuida de mim. Como se eu fosse filho dele. A gente está muito próximo, ele me ensina muita coisa.

Ele olha para o chão por um instante.

— Ele é como o pai que eu nunca tive.

Fico em silêncio. Não sei bem o que dizer.

— Acho que você não sabe como é essa sensação — ele continua, mais baixo. — Eu me espelhei nele, Pedro. Sou mais feliz agora.

Ele fica quieto um momento. Parece ter falado mais do que pretendia. Depois balança a cabeça e pega uma Pokébola.

— É... Chega de papo! Vamos batalhar!

Ele está mais forte. Muito mais forte. Os Pokémon dele se movem com uma precisão nova, e há momentos em que eu tenho certeza de que vou perder.

Não perco.

O Alê fica parado olhando para o último Pokémon caído, de punhos fechados. Por um tempo, não fala nada. Quando enfim fala, a

voz sai cansada.

— De novo. — Ele recolhe o Pokémon. — Você é incrível, sabia? Sério. Essas suas habilidades...

Ele respira fundo e me olha de frente.

— Mas um dia eu ainda te venço.

E sai correndo pela rota, rumo a Florianópolis, mais rápido do que eu, como sempre. Em pouco tempo, já não consigo mais vê-lo.

* * *

Florianópolis é uma ilha, e para chegar a ela atravesso uma ponte comprida sobre o mar. Lá do alto, a cidade parece pequena, cercada de praias e de morros verdes.

Eu sei quem está me esperando no décimo segundo ginásio.

O ginásio é de tipo Elétrico. Fios, painéis, luzes piscando, um zumbido baixo no ar que arrepia os pelos do braço. E, no fundo da arena, o líder.

O meu pai.

Quando me vê, ele abre um sorriso que eu não via fazia muito tempo.

— Pedro. — Ele vem até mim e segura os meus ombros, me olhando de cima a baixo. — Olha só para você.

Conversamos um pouco ali mesmo, no meio da arena. Ele pergunta como estou, como está a jornada. Depois fica sério.

— Eu sinto muito por ter me afastado de você, filho. Eu precisava trabalhar, e tive que me mudar para cá por um tempo. Mas sinto muito.

— Tudo bem, pai.

Ele faz que sim, devagar. Depois olha para as insígnias presas na minha mochila, e algo muda na expressão dele.

— A jornada de quem quer se tornar campeão do Brasil não é fácil, Pedro. — Ele faz uma pausa. — Deixa eu te contar uma história.

Ele se afasta alguns passos, olhando para longe, para algum lugar que não é o ginásio.

— Há muito tempo, havia uma pessoa... Ela amava os Pokémon. Amava mais do que tudo.

A voz dele é baixa e calma, como sempre. Mas cada palavra parece custar um pouco.

— Eu fui muito próximo dela, mas nos afastamos. E, por mais difíceis que as coisas estivessem, ela nunca desistiu do sonho dela: criar um mundo perfeito para os Pokémon.

Ele fica em silêncio por um momento.

— Um mundo novo.

Depois balança a cabeça, quase sorrindo.

— Tenho saudade da época em que éramos próximos. Eu participava de uma pesquisa naquele tempo. Uma pesquisa que buscava repopular o mundo Pokémon. Ia salvar diversas espécies da extinção. — A voz dele fica mais dura. — Mas, por causa de uma descoberta, ela foi cancelada.

Ele se vira para mim.

— Então eu abandonei a vida de pesquisador e me tornei líder deste ginásio. E cá estou eu. — Ele recua até o fundo da arena e pega uma Pokébola. — Diante de um desafiante incrível.

O zumbido no ar fica mais forte.

— Vamos batalhar, meu filho!

* * *

O meu pai luta exatamente como fala: calmo, preciso, sem pressa. Cada golpe tem um motivo. Cada troca de Pokémon parece ter sido planejada vários turnos antes. É como jogar contra alguém que já sabe o fim da partida.

Mas eu também aprendi a planejar.

Quando o último Pokémon dele cai, o ginásio inteiro parece ficar em silêncio. Até o zumbido.

O meu pai recolhe o Pokémon e fica um tempo olhando para mim. Depois vem até mim e me entrega a décima segunda insígnia.

— Estou orgulhoso de você, Pedro. — Ele segura os meus ombros de novo. — Você tem potencial para se tornar o campeão do Brasil.

Saio do ginásio com a insígnia na mão e aquela frase na cabeça.

* * *

De Florianópolis, desço pela Rota 19, sempre para o sul, até Porto Alegre.

Chego à cidade no fim da tarde. O céu está cinza, e um vento frio vem do rio. Estou passando perto do porto quando vejo um grupo andando depressa, lá longe, na direção do cais.

São oito criminosos, pelos uniformes. E, com eles, uma roupa branca que eu reconheceria em qualquer lugar.

O Taldo.

E, no meio do grupo, com a mão do Taldo nas costas, empurrando-o para a frente, alguém que eu conheço desde sempre.

O Alê.

Paro onde estou. Daqui não dá para ver o rosto de ninguém direito, só os vultos, a roupa branca e o Alê no meio deles. Mas a voz do Taldo chega até mim, calma e clara, como na Ruína dos Unown.

— Agora não tem mais volta, Alê. Entre no porto, Alê. Agora! Precisamos pegar o navio. Você sabe o que é melhor.

Tudo acontece muito rápido. O grupo atravessa o portão do porto e some entre os contêineres. Ninguém olha para trás. Ninguém me vê.

Quando consigo me mexer e corro até o cais, um navio já está se afastando, soltando fumaça, abrindo caminho na água escura.

Fico ali parado, na beira do cais, vendo o navio diminuir.

Não sei para onde ele vai. Não sei direito o que acabei de ver.
Só sei que o Alê está nele.

PARTE 6

Sequestrado

Continuo no cais até o navio virar um ponto escuro na água, e depois mais um pouco, até não sobrar nem o ponto.

Não sei o que fazer com o que vi. Não sei para onde aquele navio vai, nem como segui-lo. E os meus Pokémon estão exaustos depois da Rota 19.

Então faço o que dá para fazer. Levo todos ao Centro Pokémon para se recuperarem, como uma coisa qualquer e arrumo um lugar para passar a noite. Demoro para dormir. Toda vez que fecho os olhos, vejo o cais, a roupa branca, o Alê sendo empurrado.

De manhã, faço a única coisa que eu sei fazer.

Vou para o ginásio.

O décimo terceiro ginásio de Porto Alegre é de Gelo. O frio lá dentro é de verdade: o chão é uma pista escorregadia, o ar sai branco da boca, e as paredes brilham como vidro. O líder é o Ronalducho Galdinho. Ele luta com a confiança de quem nunca escorregou naquele chão na vida, e eu escorrego umas três vezes antes de pegar o jeito.

Mas pego.

A décima terceira insígnia. E, junto com ela, mais uma partitura: a do Cut, uma música que chama um Pokémon capaz de cortar árvores e arbustos pelo caminho.

Guardo as duas na mochila sem conseguir comemorar. O navio continua na minha cabeça.

* * *

Mal saio do ginásio e alguém segura o meu braço.

— Pedro! Graças a Deus, Pedro!

Levo um segundo para reconhecer. É a mãe do Alê. Eu conheço a mãe do Alê desde que me entendo por gente, e nunca a vi assim: o cabelo desarrumado, os olhos vermelhos, a mão tremendo no meu braço.

— O que aconteceu?

— O Alê. — A voz dela falha. — Ele foi sequestrado.

O cais. A roupa branca. O Alê no meio do grupo, sendo empurrado pelas costas.

— Ele é refém daquelas equipes de criminosos — ela continua, falando cada vez mais rápido. — Em Macapá. Eles têm uma... uma cafua lá, uma cafua de treinamento. Ele deve estar preso lá dentro. Pedro, eu não sei o que fazer, eu não tenho mais ninguém a quem pedir. Por favor.

Ela me olha como se eu fosse a última pessoa no mundo.

Não preciso pensar.

— Eu vou buscar ele.

Ela solta o meu braço e cobre o rosto com as mãos. Quando eu já estou indo embora, ainda ouço a voz dela atrás de mim, abafada:

— Obrigada... Obrigada, Pedro.

* * *

Macapá fica do outro lado do Brasil, lá no norte, depois da floresta. Voo até Curitiba, onde começa o caminho, e de lá sigo a pé.

A Rota 20 é a maior rota que eu já percorri. Ela sobe o país inteiro e, em algum momento, a estrada deixa de ser estrada e vira floresta. A Floresta Amazônica. As árvores ficam tão altas que eu perco o céu de vista, o ar fica pesado e úmido, e o barulho não para nunca: pássaros, insetos, água correndo em algum lugar, coisas se mexendo no meio das folhas. O caminho faz curvas e mais curvas, desvia de rios, volta atrás. Às vezes eu tenho a sensação de que estou andando em círculos.

O berimbau quase não descansa: Cut para o mato fechado, Rock Smash para as pedras, Strength para as rochas que fecham a trilha.

Demoro. Demoro muito. E, o tempo todo, penso no Alê.

* * *

Quando enfim saio da floresta, estou em Belém.

Procuro o décimo quarto ginásio, e encontro o que sobrou dele.

O prédio está no chão. Paredes desabadas, o teto afundado, pedaços de concreto e de vidro espalhados pela rua. Uma parte ainda está de pé, toda rachada, ameaçando cair a qualquer momento. As pessoas passam em volta e olham, mas ninguém chega perto.

Passo um bom tempo na frente dos escombros.

Não sei o que aconteceu ali. Não sei quem fez aquilo, nem por quê. Só sei que, assim, não tem como eu conseguir a décima quarta insígnia.

Mas o ginásio pode esperar. O Alê, não.

Sigo pela Rota 21 até Macapá.

* * *

Macapá está cheia de policiais. Eles estão por toda parte, abrindo caixas, revistando caminhões, conferindo papéis, e parecem ocupados demais para qualquer outra coisa.

Paro um deles.

— Um amigo meu foi sequestrado. Os criminosos trouxeram ele para cá, para uma cafua de treinamento...

— Sequestro? — Ele mal tira os olhos da prancheta. — Olha, garoto, a gente está com um problema enorme de contrabando aqui. Carregamento atrás de carregamento. Faz assim: procura a delegacia, faz um registro.

E volta para as caixas.

Desisto da polícia. Pergunto pela cafua em outros lugares, e não demora muito para alguém me apontar o caminho.

* * *

A Cafua de Treinamento é um prédio largo e baixo, de paredes grossas, quase sem janelas. A porta está aberta.

Entro preparado para lutar, com a mão na Pokébola.

Não aparece ninguém.

Os corredores estão vazios. As salas de treino estão vazias. Os meus passos ecoam pelo prédio inteiro, e nenhum outro som responde. Nenhum criminoso. Nenhum guarda. Ninguém me para em nenhum momento.

Sigo em frente, sala por sala, sempre para o fundo, onde deve estar a sala principal. Onde deve estar o Alê.

Estou quase chegando quando alguém sai da sombra e para bem no meio do corredor, na minha frente.

A manta escura. A máscara.

— Mascarado!

Por um segundo, sinto alívio. Ele me ajudou em Teresina. Se ele está aqui, talvez...

— O Alê está lá dentro — digo, já andando na direção dele. — Eles sequestraram o Alê. Eu preciso...

Ele não se mexe.

— Daqui você não passa.

Paro.

— O quê?

Ele não responde. Só tira uma Pokébola da manta.

* * *

Eu já enfrentei muita gente nessa jornada. Líderes de ginásio, criminosos de alta patente, o Alê. Ninguém luta como o Mascarado.

Cada ordem que eu dou, ele parece já ter respondido antes. Cada plano que eu monto, ele desmonta no meio do caminho. Os Pokémon dele estão sempre um passo à frente dos meus, e depois dois, e depois três. Eu tento de tudo. Nada funciona.

Meu último Pokémon cai.

Eu caio também. Não sei bem como: num momento estou de pé, no outro estou no chão frio do corredor, sem forças para levantar. Minha cabeça gira. Não entendo o que acabou de acontecer.

O Mascarado continua parado no mesmo lugar, olhando para mim.

A minha vista começa a embaçar. As paredes ficam moles, as luzes viram borrões. E, no meio dos borrões, alguma coisa pequena e verde vem flutuando na minha direção.

Um Celebi.

Ele para bem em cima de mim. É a última coisa que eu vejo com clareza: os olhos grandes, as asas finas, a mãozinha estendida.

Ele toca em mim.

E tudo apaga.

PARTE 7

Em casa

A primeira coisa que vejo quando abro os olhos é a tela do computador.

Ela está acesa, na escrivaninha. A luz da manhã entra pela janela e bate de lado no monitor. As paredes, a cama, a mochila jogada num canto: é o meu quarto. O meu quarto em Nova Lima.

Eu me sento devagar. O corpo inteiro dói, como se eu tivesse acabado de perder uma batalha.

Eu acabei de perder uma batalha.

O corredor da Cafua de Treinamento. O Mascarado. O Celebi. Olho em volta, procurando qualquer coisa que explique como eu vim parar aqui, e os meus olhos param no canto da tela do computador.

A data: 03/12/2018.

Leio de novo. E de novo.

03/12/2018. O dia da minha formatura. O dia em que eu saí de casa para buscar o meu diploma e o meu primeiro Pokémon.

Antes que eu consiga entender qualquer coisa, algo se mexe ao meu lado. Viro a cabeça.

O Celebi está flutuando ali, bem perto, me olhando com aqueles olhos grandes. Nos braços dele há um embrulho escuro. Ele estende

o embrulho para mim.

Pego. É um pano grosso, comprido, dobrado. Desdobro, e uma coisa dura cai no meu colo.

Uma manta escura. E uma máscara.

Fico olhando para as duas coisas nas minhas mãos. Depois para o Celebi. Ele não explica nada. Só continua flutuando ali, esperando.

Não sei por que ele está me dando isso. Mesmo assim, dobro a manta com a máscara dentro e guardo na mochila.

* * *

Desço as escadas devagar, um degrau de cada vez.

Minha mãe está na sala. Quando me vê, para o que está fazendo e franze a testa.

— Filho? — Ela me olha de cima a baixo, confusa. — Eu jurava que tinha visto você saindo de casa agora há pouco, indo buscar o seu diploma.

Eu não sei o que responder.

Ela balança a cabeça e ri, meio sem graça.

— Devo estar ficando velha...

Dou um sorriso amarelo e saio pela porta antes que ela pergunte mais alguma coisa.

* * *

Lá fora, Nova Lima está do jeito que eu me lembro daquela manhã. O mesmo céu. A mesma rua. E, no fim dela, o laboratório do Professor Oliveira.

Vários criminosos estão entrando pela porta da frente.

Fico parado na calçada, olhando.

Eu sei o que vai acontecer ali dentro. Eu cheguei depois, com o diploma na mão, e vi tudo revirado.

Voltei no tempo. Não sei como, mas voltei. E hoje é o dia do ataque.

Eu posso impedir.

Dou um passo na direção do laboratório e paro de novo. Se alguém me reconhecer, vai ser um problema enorme. Para todo mundo aqui, o Pedro é um garoto de dezoito anos que acabou de sair do colégio, que está buscando o diploma agora mesmo, do outro lado da cidade. Ninguém deixaria esse garoto entrar num laboratório cheio de criminosos.

Ninguém pode me reconhecer.

Abro a mochila. A manta escura. A máscara.

Visto a manta, cubro a cabeça, coloco a máscara no rosto. O mundo fica menor, recortado pelos buracos dos olhos, e a minha própria respiração soa alta demais.

Corro para o laboratório.

* * *

Lá dentro, é a bagunça que eu lembro, só que acontecendo agora. Gavetas sendo arrancadas, papéis voando, cientistas encolhidos nos cantos. Passo correndo por tudo, procurando o professor, e o encontro pela porta dos fundos.

O Professor Oliveira está no quintal. E um criminoso está em cima dele.

— Socorro! — O professor me vê e estende a mão. — Por favor, me ajuda!

Não sei direito o que o criminoso quer com ele. Não importa. Me coloco entre os dois e jogo a minha Pokébola.

É rápido. O criminoso não esperava ninguém, muito menos alguém de máscara. Quando o último Pokémon dele cai, ele recua aos tropeços, e alguma coisa escorrega da mão dele e rola pela grama.

Uma Pokébola. Uma das que eles estavam roubando.

O professor se abaixa e pega a Pokébola do chão, com as mãos ainda tremendo. Olha para ela e solta o ar, aliviado.

— O Tynamo... — ele murmura. — Ainda bem.

Ele guarda a Pokébola no bolso do jaleco e se agarra no meu braço.

— Os outros cientistas! Eles estão sendo atacados, aqui no quintal! Precisamos salvá-los!

Eu vou.

O quintal é maior do que parece. Ando por ele inteiro, de ponta a ponta, e em cada canto há um criminoso e um cientista em apuros. Batalho, venço, e passo para o próximo. Cada criminoso que eu derroto deixa cair Pokébolas roubadas, e elas vão ficando para trás, espalhadas pelo gramado, caídas onde rolaram.

As batalhas ficam cada vez mais pesadas. Numa delas, dois golpes se chocam no meio do gramado, e o estrondo é tão forte que o chão treme debaixo dos meus pés. Uma nuvem de fumaça sobe por cima do muro do laboratório.

No fundo do quintal, derrubo o último deles.

O cientista que estava encurralado ali se levanta num pulo, olhando para todos os lados.

— Me siga, rápido — ele diz —, antes que cheguem novos criminosos!

Ele corre até o muro do fundo, empurra alguma coisa entre as plantas, e uma passagem se abre na parede. Uma passagem secreta. Eu entro atrás dele.

* * *

O túnel é estreito, escuro e comprido. Andamos por ele um bom tempo, e quando finalmente saímos para a luz, estamos na Rota 13.

O cientista para e passa a mão na testa, ainda ofegante. Depois fica sério.

— Escuta. Você me salvou, então eu vou confiar em você. Eu fiquei sabendo que vai haver um ataque ao laboratório de Teresina. Vá para lá, o mais rápido possível, e tente impedir. — Ele segura o meu ombro. — Mas não vá sozinho. Prometa que não vai sozinho.

Eu faço que sim com a cabeça.

Ele vai embora pelo outro lado da rota, e eu fico sozinho.

Teresina. O laboratório. Os cientistas encolhidos contra a parede, Shelly e Matt, o suborno do biscoito. Eu sei exatamente o que vai acontecer lá.

Ajeito a manta para seguir viagem, e é aí que percebo.

O meu pulso está vazio.

Procuro na manta, nos bolsos, na mochila. Nada. Eu devo ter deixado cair em algum lugar do quintal do professor, durante as batalhas.

Perdi o relógio.

Fico um tempo olhando para o pulso vazio.

Depois sigo para Teresina.

* * *

Quando chego a Teresina, ainda vestido de Mascarado, a lembrança do cientista volta à minha cabeça. Não vá sozinho.

E eu não estou sozinho. Não de verdade.

Em algum lugar desta cidade, agora mesmo, está chegando um garoto com três insígnias na mochila, um berimbau que ele não sabe tocar e um relógio no pulso. Ele acabou de passar por um policial subornado com biscoito. Ele não faz ideia de quem eu sou.

Espero por ele na entrada da cidade.

Quando ele aparece, eu sei exatamente o que dizer. Eu já ouvi tudo isso uma vez, do outro lado da máscara.

— Pedro.

Ele para e me olha, desconfiado. É estranho ver a minha própria cara desse jeito. Mais nova. Mais perdida.

— Você provavelmente não sabe quem eu sou.

* * *

Ele me segue até o laboratório. A alguns metros da entrada, eu me viro para ele.

— Vamos entrar juntos. Vai na frente. Eu estou logo atrás de você.

Ele hesita. Depois entra.

Eu vou atrás. Mas, antes que eu chegue à porta, três criminosos aparecem do nada e se colocam no meu caminho.

— Aonde você pensa que vai, mascarado?

Três de uma vez. Batalho contra os três ao mesmo tempo, ali mesmo, no meio da rua. Venço, mas eles me seguram por tempo demais. Quando o último Pokémon deles cai, os três ficam olhando para mim, sem acreditar.

— Quem é esse cara? — murmura um deles.

Eles recolhem os Pokémon e fogem.

Quando me viro, o Pedro está parado na porta do laboratório. Já acabou. Ele salvou o laboratório sozinho, enquanto eu estava aqui fora.

Eu me lembro do que senti naquele momento, do lado de lá. Olho para ele por um instante.

— Obrigado pela ajuda, Pedro.

E vou embora antes que ele pergunte qualquer coisa.

* * *

Estou quase saindo de Teresina quando um velho me chama de um banco da praça.

— Moço! Ei, moço de máscara!

Paro.

Ele se levanta com dificuldade e vem até mim, apoiado numa bengala.

— Eu vi a sua batalha — ele diz. — Aqueles três, ao mesmo tempo. Foi impressionante. A cidade te agradece.

Agradeço de volta. Ele não me solta.

— Tem uma coisa que você precisa saber. — Ele olha para os lados e baixa a voz. — Eu não contei para muita gente, porque não sei em quem confiar. Mas depois do que eu vi hoje... acho que posso confiar em você. Fiquei sabendo que vai haver um ataque ao observatório de João Pessoa.

João Pessoa.

— Você precisa ir para lá — ele diz.

Eu sei.

* * *

Vou direto para o observatório.

Chego cedo. A cúpula branca no alto da cidade, a entrada principal, as ruas em volta: tudo está calmo. Quase calmo demais.

Estou a poucos passos da porta, quase entrando, quando paro.

A emboscada.

Eu ouvi dois criminosos combinando, nas dunas, escondido atrás de uma duna de areia. Eles vão estar lá dentro, esperando por mim. Por mim, Pedro. Mas ninguém está esperando pelo Mascarado.

Se o ataque de verdade não vier pela frente, ele vem por outro lugar. Pelos fundos. E, para entrar pelos fundos sem ninguém perceber, eu preciso que alguém prenda a atenção deles na frente.

Preciso de uma distração.

Então eu o vejo, algumas ruas abaixo. Um garoto andando devagar, olhando para o observatório de longe, com cara de quem sabe que não devia estar ali.

Eu sei o que ele ouviu nas dunas. Eu sei o que ele está sentindo.

E sei o que eu vou fazer.

Vou até ele.

— Pedro. Preciso de mais um favor seu. Me siga.

* * *

Na porta do observatório, ele recua.

— Não. Tem uma emboscada aí dentro. Eu ouvi dois deles combinando. Estão esperando por mim.

Olho para ele através da máscara. Ele tem razão. Eu sei que ele tem razão.

— Não vai ter emboscada nenhuma — digo. — Pode confiar em mim.

E empurro.

Ele tropeça para dentro. Lá de dentro, quase ao mesmo tempo, vêm os gritos, os passos, as Pokébolas se abrindo.

Ele vai ficar bem. Eu sei que vai.

Dou a volta no prédio, correndo.

* * *

A porta dos fundos está arrombada.

Lá dentro, longe do barulho da entrada, está o ataque de verdade. Dois homens, de pé no meio de uma sala cheia de equipamentos. Um de vermelho, outro de azul. Maxie, o líder da Equipe Magma. Archie, o líder da Equipe Aqua. Trabalhando juntos.

Depois do Taldo, não há ninguém acima deles entre os criminosos.

E eles não estão sozinhos. Diante deles, já em posição de luta, está uma mulher de cabelo comprido e roxo. Eu conheço aquele rosto das revistas e da televisão.

A Iris. A ex-campeã de Unova. Aqui, no Brasil.

Ela me olha de relance, sem baixar a guarda.

— Seja quem for — diz —, se veio para ajudar, a hora é agora.

Fico do lado dela.

A batalha é dura. O Maxie e o Archie lutam como quem passou a vida inteira liderando gente, e lutam juntos com uma facilidade que me surpreende, para duas equipes que um dia foram inimigas. Mas a Iris é uma ex-campeã, e eu já não sou o garoto que saiu de Nova Lima.

Vencemos.

A Iris se aproxima dos dois, que recolhem os Pokémon sem pressa nenhuma.

— O que vocês queriam aqui?

O Archie dá de ombros.

— O Mew. Estávamos atrás de informações sobre ele.

— Mas agora não importa mais — completa o Maxie. — O Mew já foi encontrado.

Eu e a Iris nos entreolhamos.

— Ele fica na Grutinha — o Maxie continua, quase com satisfação. — Uma ilhazinha perto de Maceió. Agora só falta capturá-lo. E não há nada que vocês possam fazer.

Eles vão embora. Ninguém os impede.

* * *

Nada que eu possa fazer.

Talvez. Mas eu vou tentar mesmo assim.

Saio do observatório pelos fundos, sem passar pela frente. Quando o Pedro sair, eu não vou estar lá.

Toco a música do Fly no berimbau e voo para Maceió.

* * *

Preciso chegar à Grutinha antes de tudo. Antes do Taldo, se der. Antes do Pedro, com certeza: eu sei que ele vai passar por Recife e logo vai saber da casa do Spider.

Pouso em Maceió e corro pela cidade em direção ao litoral, para usar o Surf. Estou correndo pela calçada, perto de uma praça, quando ouço:

— Ei! Mascarado!

Paro de repente, no meio da calçada.

Eu reconheço essa voz. É a minha.

Me viro. Do outro lado da rua, ele está parado, me olhando. E eu sei exatamente o que ele quer: que eu vá com ele até Aracaju, salvar o Spider. Eu me lembro de ter querido isso.

Mas o Spider vai ficar bem. Eu estava lá. Eu sei.

O Mew, não.

— Foi mal — digo. — Não posso te ajudar a salvar o Spider.

E saio correndo de novo.

* * *

A Grutinha é uma ilha pequena, de pedra escura, a pouca distância da praia. Atravesso a água com o Surf e, assim que piso na areia, os criminosos aparecem.

São muitos. Mais do que em qualquer outro lugar. Batalho com um, com outro, com mais outro, e vou abrindo caminho para dentro da ilha, pela entrada de uma gruta.

Lá dentro, no fundo, há um templo.

É um lugar antigo, de pedra clara, com colunas gastas e desenhos que parecem do Mew gravados nas paredes. O Templo do Mew. Algumas mulheres estão encurraladas num canto, com criminosos em volta, ameaçando-as. As guardiãs do templo.

E, no centro, diante de um altar, uma roupa branca.

O Taldo.

Na frente dele, flutuando no ar, pequeno e rosado, está o Mew. O Taldo tem uma Pokébola na mão.

Talvez ainda dê tempo.

O Taldo vira a cabeça na minha direção. Os olhos dele param em mim, na manta, na máscara.

E ele não parece surpreso.

— Você... — A voz dele é calma, quase interessada. — Eu sei quem você é... Isso foi obra do Celebi!?

Ele volta a olhar para o Mew.

— Parem-no!

PARTE 8

A Grutinha

Os criminosos vêm todos de uma vez.

Largam as guardiãs no canto e correm para cima de mim, com as Pokébolas já abertas. Eu não recuo. Batalho com o primeiro, com o segundo, com o terceiro, sem tirar os olhos do altar por mais de um segundo, porque é lá que está o que importa.

Por cima dos ombros deles, vejo o Taldo. Ele não tem pressa. Não olha para a batalha, não olha para mim. Está concentrado no Mew, e só nele.

O último criminoso cai.

Me viro para o altar, e é a tempo de ver a luz vermelha da Pokébola se fechando sobre o Mew.

Ela balança uma vez. Duas. Três.

E para.

O Taldo se abaixa, pega a Pokébola do chão e a guarda no bolso do paletó branco, com o mesmo cuidado de quem guarda uma carta importante. Antes que eu consiga dar um passo, ele já está na saída do templo. E some.

Eu fico parado onde estou.

Atravessei o Brasil inteiro duas vezes. Voltei no tempo. E, mesmo assim, cheguei tarde.

* * *

O templo fica em silêncio.

As guardiãs saem do canto devagar. Uma delas se ajoelha diante do altar vazio e fica ali, com as mãos no chão de pedra. Outra chora baixinho. A mais velha delas vem até mim, e o rosto dela é o rosto de quem acabou de perder alguma coisa que nunca mais vai voltar.

— Nós não conseguimos protegê-lo — ela diz. — E agora...

Ela não termina a frase.

Eu também não tenho o que dizer.

Ela respira fundo, enxuga os olhos e me olha de frente, através da máscara.

— Escute. Agora que o Mew foi capturado, só existe um que pode ajudar. — A voz dela fica firme de repente. — O Celebi. Vá atrás dele. No Templo do Celebi, perto de Manaus.

O Celebi.

Fico um momento em silêncio. Depois concordo.

* * *

Saio da Grutinha, atravesso a água de volta para Maceió e toco a música do Fly no berimbau.

Para chegar ao Templo do Celebi, perto de Manaus, o caminho começa em Belém. Então é para lá que eu voo.

E, quando pouso em Belém, a primeira coisa que vejo é o décimo quarto ginásio.

De pé.

Inteiro. As paredes no lugar, o teto no lugar, a porta aberta, gente entrando e saindo como em qualquer outro dia. Paro na calçada e

olho para ele, e a lembrança dos escombros se sobrepõe ao prédio na minha frente: o concreto no chão, as paredes rachadas, as pessoas passando em volta sem chegar perto.

Ainda não aconteceu.

Eu entro.

O ginásio é de tipo Inseto, cheio de plantas, troncos e um zumbido que não para. O líder é o Carlinhos Chagas. Ele olha para a minha manta, para a minha máscara, e levanta uma sobrancelha.

— Primeira vez que eu enfrento um desafiante mascarado — ele diz. — Mas uma batalha é uma batalha.

É mesmo. E eu venço.

A décima quarta insígnia. A que eu achei que nunca ia conseguir.

* * *

De Belém, sigo pela Rota 22 até Boa Vista. O caminho até Manaus continua por ali: descer o Rio Amazonas até a cidade, e de lá seguir até o templo.

Mas, quando chego à margem do rio, alguém me barra.

São indígenas, um grupo deles, de pé entre mim e a água. Não ameaçam ninguém. Só estão ali, firmes, como se o rio fosse deles para proteger. E é.

— Você não pode passar — diz um deles. — Este rio é sagrado. Só quem é digno pode navegar por ele.

— E como alguém se torna digno?

Ele olha para a cidade, atrás de mim.

— Vencendo o Cacique, o líder do ginásio de Boa Vista. Quem tem a insígnia dele tem a permissão do rio.

* * *

O décimo quinto ginásio é de tipo Fantasma. Lá dentro, a luz é baixa e trêmula, as sombras se mexem sozinhas nas paredes, e um frio estranho sobe pelos pés. O Cacique me espera no fundo, sereno, sem dizer uma palavra a mais do que o necessário.

Os Pokémon dele somem e reaparecem, atravessam as minhas defesas sem nenhum esforço. Nunca enfrentei nada parecido.

Mas eu venço.

O Cacique me entrega a décima quinta insígnia com um aceno de cabeça.

Quando volto ao rio, os indígenas abrem caminho.

* * *

Desço o Rio Amazonas com o Surf.

O rio é tão largo que, em alguns trechos, eu não vejo a outra margem. A floresta passa dos dois lados, alta, escura, cheia de sons, e a água é marrom e calma, e parece não ter fim. Passo horas assim, sozinho no meio do rio, só com o barulho da água e os meus pensamentos.

Chego a Manaus e sigo direto para a Rota 27.

* * *

O Templo do Celebi fica no fim da rota, no meio da floresta. E ele tem guardiãs também. Mas estas não estão encurraladas por ninguém. Estão de pé no meu caminho, uma depois da outra, e cada uma delas me desafia antes de me deixar passar.

Venço todas.

No fim, chego a um altar de madeira coberto de musgo, cercado de árvores enormes. Há um silêncio ali que eu nunca senti em lugar nenhum: nem pássaro, nem inseto, nem vento.

Paro diante do altar e chamo pelo Celebi.

Não preciso chamar duas vezes.

Ele aparece no ar, bem na minha frente, quase no mesmo instante. Os mesmos olhos grandes, as mesmas asas finas.

Atrás de mim, uma das guardiãs solta uma exclamação.

— Oh! O Celebi atendeu ao seu pedido! — Ela leva as mãos ao rosto. — Você realmente foi o escolhido...

O Celebi fica parado no ar, olhando para mim. A guardiã dá um passo à frente, atenta, escutando alguma coisa que eu não escuto.

— O Celebi está dizendo para você ir ao Rio de Janeiro — ela diz. — A um lugar chamado Cafua de Administração.

E então, tão de repente quanto apareceu, o Celebi desaparece.

A guardiã fica olhando para o lugar vazio, ainda impressionada.

— Eu nunca tinha visto o Celebi atender a um chamado assim — ela diz, mais para si mesma do que para mim. — Desse jeito. Parecia até que vocês já se conheciam.

Não respondo.

* * *

Já estou indo embora quando ela me chama de novo.

— Espere. — Ela se aproxima, e agora o rosto dela está sério. — Tem mais uma coisa. Nós, guardiãs, ficamos sabendo que vai haver um ataque ao ginásio de Belém.

Belém. O ginásio que eu acabei de ver de pé.

— Nós podíamos pedir que você impedisse esse ataque — ela continua. — Mas nós seguimos os mandatos do Celebi. E ele disse para você ir para o Rio de Janeiro. Disse alguma coisa sobre o seu amigo estar sendo sequestrado.

O meu amigo.

O cais de Porto Alegre. O navio se afastando na água escura.

A guardiã segura as minhas mãos.

— Pessoa mascarada, não tente salvar o ginásio. Vá para a Cafua de Administração.

No meio da floresta, a lembrança dos escombros de Belém fica de um lado, e a do navio, do outro.

Eu escolho o Celebi.

Vou para o Rio de Janeiro.

* * *

Voo direto para o Rio. Lá de cima, a cidade aparece do mesmo jeito que da primeira vez, os morros, o mar, os prédios espremidos entre os dois.

E, no porto, atracado, um navio.

Eu conheço aquele navio. Eu o vi se afastar do cais de Porto Alegre, soltando fumaça, até virar um ponto na água.

Pouso perto do porto. A Cafua de Administração fica ali, a poucos passos.

Ela está cheia de criminosos. Eles estão nos corredores, nas portas, nas escadas, e todos vêm para cima de mim assim que eu entro. Vou derrotando um por um e avançando, sala por sala, cada vez mais para dentro.

Quase no fim da cafua, a porta de uma sala grande se abre, e dois homens me esperam lá dentro.

Um deles é o Archer, de alta patente da Equipe Rocket. O outro está sentado atrás de uma mesa larga, de terno, e se levanta devagar quando me vê. Eu sei quem ele é. Todo mundo sabe.

O Giovanni. O líder da Equipe Rocket.

— Quem é você para invadir a minha cafua dessa forma? — Ele ajeita o paletó, sem pressa. — Pelo jeito, vamos ter que mostrar quem manda aqui.

Os dois tiram as Pokébolas.

E, antes que eles possam jogá-las, alguém entra na sala atrás de mim.

É uma mulher alta, de cabelo loiro e comprido, com um casaco preto. Ela para ao meu lado, pronta para lutar.

A Cynthia. A ex-campeã de Sinnoh.

— Dois contra um não é muito justo — ela diz. — Vamos equilibrar.

* * *

Lutar ao lado de uma ex-campeã é diferente de qualquer coisa que eu já fiz. A Cynthia não precisa dizer nada: os Pokémon dela cobrem os meus antes mesmo de eu perceber que precisava. O Giovanni e o Archer são fortes, muito fortes. Mas não o suficiente para nós dois.

Quando o último Pokémon do Giovanni cai, a Cynthia dá um passo à frente.

— Archer. Giovanni. — A voz dela é calma, mas não deixa espaço para discussão. — Faz tempo que eu estou atrás de vocês. Hoje, a movimentação para esta cafua foi grande demais para ser à toa. Eu vi vocês chegarem no porto com um garoto. — Ela não tira os olhos do Giovanni. — Se isso é um sequestro, vamos impedir agora.

O Giovanni olha para ela. E ri.

— Sequestro? — Ele ri mais alto. — Hahaha. Vocês não sabem de nada mesmo.

Ele recolhe o Pokémon e passa por nós, a caminho da porta.

— Vamos, Archer.

E os dois vão embora.

A Cynthia fica olhando para a porta por onde eles saíram, com a testa franzida.

— Não entendi muito bem do que eles estavam falando — ela diz. — Mas, se tem um garoto sequestrado aqui dentro, precisamos tirá-lo daqui.

Ela se vira para mim.

— Vai lá, meu amigo mascarado, seja quem você for. Ele deve estar bem à frente.

* * *

Sigo em frente sozinho.

Depois da sala do Giovanni, a cafua se estreita num corredorzinho escuro. Estou no meio dele quando ouço vozes vindas da sala ao lado, pela porta entreaberta.

Paro e encosto na parede.

Conheço duas daquelas vozes.

— Alê, te chamei aqui na administração para te fazer uma proposta.

É o Taldo. Calmo como sempre.

— Claro, Sr. Taldo. — E esse é o Alê. — Qual é a proposta?

O Alê. Livre. Sem ninguém segurando ele.

— Não precisa me chamar de senhor. Para mim, você é como um filho. — Há um tom na voz do Taldo que eu nunca tinha ouvido. Quase carinhoso. — Depois de todo esse tempo de treinamento, ficamos próximos o bastante para nos chamarmos como quisermos.

Eu prendo a respiração.

— Mas bem — o Taldo continua. — Invadimos o ginásio de Belém e pegamos a Azure Flute para a invocação do Arceus. Agora só nos resta o trio da criação.

O ginásio de Belém. A flauta que ninguém sabia onde estava há séculos estava lá.

— Porém, para que os nossos planos tenham sucesso, o seu amigo Pedro precisa ser neutralizado. Ele se mostrou uma grande ameaça à nossa organização. — Uma pausa. — Eu sei que é difícil para você. Mas precisa confiar em mim. Vai dar tudo certo.

Silêncio.

Eu espero o Alê dizer não.

— Eu confio, sim — ele diz. — Vamos fazer isso.

* * *

— Pois bem — diz o Taldo. — Proponho prepararmos uma armadilha. Em Macapá, na Cafua de Treinamento. Só precisamos saber de uma maneira de atrair o Pedro para lá.

— Isso é fácil, Sr... quer dizer, Taldo. — O Alê ri, sem graça. — O Pedro gosta de ajudar as pessoas. Saber que alguém está em perigo em Macapá vai chamar a atenção dele. Ainda mais se essa pessoa for eu mesmo.

— Interessante... Prossiga.

— A gente simula um sequestro. O Pedro não sabe que eu entrei com vocês no porto de Porto Alegre, depois que eu ganhei do ginásio da cidade. Não sabe que a gente veio para cá, nem que eu estou do lado de vocês. — O Alê fala cada vez mais rápido, como quem está montando o plano enquanto fala. — Taldo, você liga para a minha mãe dizendo que eu fui sequestrado, e a gente vai para a Cafua de Treinamento. Ela confia no Pedro. Com certeza vai pedir ajuda para ele. E aí ele vem.

Uma pausa.

— Como um pombo atrás das migalhas.

— Genial! — O Taldo bate uma palma só. — Não foi à toa que eu te treinei como um filho. Então temos um acordo. Alê, o Cyrus vai com você para a Cafua de Treinamento em Macapá. É lá que vamos preparar a armadilha para o Pedro. Vamos!

— Estou com vocês! — responde uma terceira voz, grave, que eu não conheço.

O Cyrus. O líder da Equipe Galactic.

Ouço cadeiras se arrastando, passos indo para o outro lado da sala, uma porta se fechando.

Depois, mais nada.

* * *

Fico no corredor, encostado na parede, por um tempo que não sei medir.

A mãe do Alê segurando o meu braço na porta do ginásio, com os olhos vermelhos. A Rota 20 inteira, a floresta, o Cut, os dias de caminhada. O corredor vazio da Cafua de Treinamento.

Como um pombo atrás das migalhas.

PARTE 9

Como um pombo

A Cynthia ainda está na sala do Giovanni quando eu volto, olhando os papéis espalhados em cima da mesa. Ela levanta a cabeça assim que me vê.

— E então? Encontrou o Alê?

Conto tudo.

A proposta. A armadilha em Macapá. O sequestro de mentira, o telefonema para a mãe. O pombo e as migalhas. Conto devagar, palavra por palavra, do jeito que ouvi, e a cada frase o rosto dela vai ficando mais sério.

Quando termino, ela fica um bom tempo em silêncio.

— Então não existe sequestro nenhum — ela diz, enfim. — Era disso que o Giovanni estava rindo.

Ela solta os papéis em cima da mesa.

— O Alê traiu o próprio amigo. E esse amigo, esse Pedro, vai direto para a armadilha, achando que vai salvá-lo. — Ela me olha nos olhos, através da máscara. — Nós precisamos impedir isso. Ele precisa de ajuda, na Cafua de Treinamento, em Macapá.

Concordo.

* * *

Voo direto para Macapá.

A cidade é a mesma de que eu me lembro: os policiais por toda parte, abrindo caixas e revistando caminhões, ocupados demais para olhar para cima. Passo por eles sem parar.

A Cafua de Treinamento também é a mesma. O prédio largo, as paredes grossas, a porta aberta.

Só que, desta vez, ela está cheia.

Os criminosos estão por todos os lados. Nos corredores, nas salas de treino, nas portas. Esperando. Assim que eu entro, eles vêm, e eu batalho com um, com outro, com mais outro, abrindo caminho sala por sala, até não sobrar ninguém de pé entre a entrada e a sala principal.

Paro no meio do corredor, perto do fim. Recupero o fôlego.

Agora a cafua está vazia. Os corredores estão vazios. As salas estão vazias. Exatamente como eu me lembro.

Então ouço passos lá atrás, na entrada do corredor.

Recuo para a sombra de uma porta e espero.

* * *

Os passos chegam mais perto. Quando ele está a poucos metros, saio da sombra e paro no meio do corredor, bem na frente dele.

O Pedro. Mais novo. Cansado da Rota 20, sujo da floresta, com a mão na Pokébola. Ele me vê e o rosto dele se ilumina.

— Mascarado!

Eu me lembro desse alívio.

— O Alê está lá dentro — ele diz, já andando na minha direção. — Eles sequestraram o Alê. Eu preciso...

Eu não me mexo.

— Daqui você não passa.

Ele para.

— O quê?

Não respondo. Tiro uma Pokébola da manta.

* * *

É a batalha mais estranha da minha vida.

Eu sei cada ordem que ele vai dar antes de ele abrir a boca. Eu já dei todas elas. Sei qual Pokémon ele vai mandar primeiro, qual golpe ele vai tentar quando estiver encurralado, qual vai ser o plano desesperado do final.

E ele perde.

O último Pokémon dele cai, e ele cai junto, no chão frio do corredor. Fica ali, meio desacordado, olhando para mim sem entender nada.

Eu me lembro dessa confusão também.

Uma luz verde aparece no ar, ao meu lado. O Celebi passa por mim, flutuando, e para bem em cima do Pedro. Estende a mãozinha.

Toca nele.

E o Pedro desaparece. Simplesmente desaparece, como se nunca tivesse estado ali.

O Celebi se vira para mim.

Eu sei o que fazer. Tiro a máscara do rosto. Tiro a manta dos ombros. Dobro as duas juntas, a máscara por dentro, do mesmo jeito que estavam quando eu as recebi, e estendo para ele.

O Celebi pega o embrulho com os dois braços.

E some também.

* * *

Fico um momento sozinho no corredor, de rosto descoberto, sentindo o ar frio na pele depois de tanto tempo atrás da máscara.

Depois me viro para a sala principal.

Eu sei o que tem lá. Uma armadilha. O Alê e o Cyrus, esperando um pombo entrar pela porta da frente.

Então eu não entro pela porta da frente.

Dou a volta pelo prédio, pelos fundos, e encontro mais criminosos no caminho. Derroto todos. No fim de um corredor estreito, há uma porta lateral, e por ela eu entro na sala principal por trás.

Eles estão lá. O Alê e o Cyrus, de costas para mim, olhando para a porta da frente.

O Alê se vira.

Quando me vê, o rosto dele fica branco.

— Pedro?! — Ele olha para mim, depois para a porta da frente, depois para mim de novo. — Como... como você sabia?

Não respondo.

E, antes que alguém diga mais alguma coisa, a porta da frente se abre e entra mais uma pessoa. Um homem de terno escuro, de cabelo prateado, andando com toda a calma do mundo.

Steven Stone. O ex-campeão de Hoenn.

Ele para do meu lado, olha para o Alê, olha para o Cyrus.

— Parece que cheguei na hora certa.

O Alê ainda está me olhando, tentando entender. Mas não há mais tempo para isso. O Cyrus dá um passo à frente e tira uma Pokébola.

— Não importa como vocês chegaram até aqui. — A voz dele é fria, sem nenhuma emoção. — Isso não muda nada.

O Alê hesita por um segundo. Depois tira a dele também.

* * *

É uma batalha dupla. O Alê e o Cyrus de um lado; eu e o Steven do outro.

O Alê luta do jeito que eu conheço, rápido, provocador, sempre tentando a jogada mais ousada. Mas, desta vez, ele não sorri

nenhuma vez. O Cyrus é o oposto: frio, metódico, cada golpe calculado.

O Steven luta como uma rocha. Nada o derruba.

E nós vencemos.

O Alê não se mexe. Olha para o Pokémon caído, e não para mim.

O Steven se vira para o Cyrus.

— Cyrus. — A voz dele é tranquila, mas firme. — Eu sei que você sabe. Por que vocês capturaram a Mesprit, a Uxie e a Azelf? O que vocês querem com o trio dos lagos?

O Cyrus recolhe o Pokémon. Por um momento, parece que não vai responder.

— É claro que eu sei, Steven. — Ele ajeita o casaco. — E agora não há mais motivo para esconder os nossos objetivos. O nosso objetivo é exterminar os Pokémon.

Ninguém se mexe.

— Vamos criar um exército de Pokémon clonados. Um exército que vai se destruir, até não sobrar mais nada. — Ele fala como quem explica uma equação. — Todos os nossos planos foram frustrados no passado por causa dos Pokémon. Sem eles, vamos conseguir atingir os nossos objetivos. E o Sr. Taldo é incrivelmente inteligente. Ele conseguiu juntar todas as equipes. Sozinho. Se existe alguém capaz de eliminar os Pokémon, é ele.

Ele faz uma pausa.

— No entanto... ele ordenou que capturássemos o trio dos lagos. Para invocar o Arceus, o criador.

— Arceus?! — O Steven dá um passo à frente.

— Isso. — Pela primeira vez, alguma coisa parecida com dúvida passa pelo rosto do Cyrus. — Eu acho isso até um pouco estranho. Afinal, nós já capturamos o Mew. Já temos o que queremos. Mas não questiono os planos do Sr. Taldo. Ele está sempre dez passos à frente de todos.

Ele olha para nós dois, e a dúvida some tão rápido quanto veio.

— Espero que tenham ficado contentes com a explicação. Mas agora é tarde. O Taldo já está indo para o Pico da Neblina. Ele vai invocar o trio da criação.

E, antes que qualquer um de nós consiga reagir, o Cyrus e o Alê correm para a porta da frente e somem.

* * *

O Steven fica um momento olhando para a porta. Depois se vira para mim.

— O Pico da Neblina. — Ele cruza os braços. — Você sabe chegar lá?

Penso no mapa.

— Manaus. Depois a Rota 23, um trecho do Rio Amazonas, até Rio Branco. E de Rio Branco, a Rota 24, até o pico.

— Isso. — Ele confirma. — Mas tem um problema. Para chegar a Rio Branco, você vai precisar passar por uma cachoeira. E, para isso, vai precisar da partitura do Waterfall. — Ele me olha de lado. — Só ensinam essa música no décimo sétimo ginásio, em Porto Velho.

Mais um ginásio. Mais uma partitura.

Tudo bem. É o que eu sei fazer.

* * *

O décimo sexto ginásio fica em Manaus, no caminho. Ele é de tipo Água: piscinas, cachoeiras artificiais, o barulho de água correndo por todo lado, o ar úmido como o da floresta lá fora. O líder é o Gabriel Medinho, e os Pokémon dele se movem na água como se tivessem nascido nela. Talvez tenham.

Mas eu venço.

A décima sexta insígnia.

* * *

O décimo sétimo fica em Porto Velho. É um ginásio de tipo Psíquico, silencioso, cheio de luzes suaves e de uma sensação estranha de que alguém está lendo os meus pensamentos. O líder é o Senhor Abravanel, e ele luta com um sorriso tranquilo, como se já soubesse o resultado.

Não sabe.

A décima sétima insígnia. E, junto com ela, a partitura do Waterfall: uma música que chama um Pokémon capaz de subir cachoeiras.

* * *

Sigo pela Rota 23 até o trecho do Rio Amazonas. Lá está a cachoeira de que o Steven falou: uma parede de água despencando do alto, branca de espuma, com um barulho que faz o chão tremer. Toco a música do Waterfall no berimbau e subo, contra a corrente, até o topo.

Do outro lado fica Rio Branco.

E, assim que chego à cidade, eu vejo.

Uma luz. Uma luz fortíssima, vindo do alto de uma montanha ao longe, apontada para o céu. Ela pulsa, muda de cor, apaga e acende de novo. Nas ruas, as pessoas estão paradas, todas olhando para o mesmo lugar, apontando, cochichando. Ninguém sabe o que está acontecendo lá em cima.

Eu sei.

O Pico da Neblina.

* * *

Corro pela Rota 24 sem parar uma vez sequer.

O Pico da Neblina está tomado de criminosos. Eles estão espalhados pela trilha, pelas pedras, pelas passagens estreitas da subida, e cada um que eu derrubo parece ter mais dois atrás. Eu derrubo todos. A neblina fica cada vez mais grossa, o ar cada vez mais frio e rarefeito, e a luz lá em cima cada vez mais forte.

Chego ao topo.

O vento é cortante, e a neblina gira em volta como uma coisa viva. No centro do topo, de pé sobre a pedra, está o Taldo, de braços abertos. E acima dele, enormes, gigantescos, saindo da luz, estão três vultos.

Giratina. Palkia. Dialga.

O trio da criação.

Dou um passo na direção dele, e dois homens se colocam no meu caminho.

Um deles é alto, de manto, com um olho vermelho que parece me atravessar. O Ghetsis, o líder da Equipe Plasma. O outro, de jaleco e óculos, é o Colress, de alta patente da Plasma.

— Ora, ora. — O Ghetsis sorri. — Já estávamos esperando por você. E, mais uma vez, você chegou tarde demais.

— Não se ele não estiver sozinho.

A voz vem do meu lado. Um homem de capa, de cabelo ruivo. Ele estava ali o tempo todo, tentando passar pelos dois.

O Lance. O ex-campeão de Kanto e Johto.

A Iris, a Cynthia, o Steven e agora ele. Quatro ex-campeões, de quatro cantos do mundo, vindo até o Brasil pelo mesmo motivo. Ninguém atravessa o mundo à toa.

Ele me olha de relance e faz que sim uma vez. Eu faço o mesmo.

* * *

O Ghetsis e o Colress lutam juntos, e lutam bem. Mas o Lance é um ex-campeão, e eu já enfrentei coisa pior. Golpe a golpe, vamos

empurrando os dois para trás.

Vencemos.

Mas, quando o último Pokémon do Ghetsis cai, eu levanto os olhos para o centro do topo, e é tarde.

O Taldo terminou. Giratina, Palkia e Dialga estão sendo puxados para dentro da luz, encolhendo, sumindo. E, quando a luz se apaga, o Taldo some com eles.

Não sobra nada. Só a pedra vazia, a neblina e o vento.

O Ghetsis ri baixinho.

— Como eu disse. Tarde demais.

— Não! — O Lance avança um passo. — O que vocês fizeram com o trio da criação?! Onde está o Taldo?!

O Ghetsis nem se abala.

— Bom, agora que perdemos... — Ele dá de ombros. — O Sr. Taldo foi para a cafua secreta dele. A Cafua de Pesquisa. Nós não conhecemos aquele lugar. Só o Taldo vai para lá. Parece que essa cafua tem um grande valor para ele. — Ele faz uma pausa. — O que sabemos é que fica perto do Rio Amazonas. E que é lá que ele vai invocar o Arceus.

Ele olha para o céu, onde a luz estava.

— O nosso principal objetivo nunca esteve tão próximo...

E, com o Colress logo atrás, desce o pico e some na neblina.

* * *

Ficamos só nós dois no topo.

O Lance passa a mão pelo rosto e solta o ar devagar.

— O Taldo é muito mais esperto do que eu imaginei. Ele sabia de tudo.

Ele se vira para mim.

— Pedro. As suas conquistas e as suas vitórias estão famosas no Brasil inteiro. Você é uma das maiores promessas para se tornar o

Campeão do Brasil. — Ele coloca a mão no meu ombro. — Eu confio em você. O Brasil inteiro confia em você. E eu acredito que, se existe alguém capaz de derrotar o Taldo, esse alguém é você.

Eu olho para a pedra vazia onde o Taldo estava.

Mais uma vez, tarde demais. Mas não vai ser assim para sempre.

* * *

Desço o pico e volto para Rio Branco. Perto do Rio Amazonas, ele disse.

Volto ao pequeno trecho do rio perto da Rota 23 e procuro. Procuro até encontrar o que eu não tinha visto antes: uma outra cachoeira, descendo para o outro lado, para dentro da floresta. Uma que eu ainda não tinha descido.

Desço.

Lá embaixo, escondido entre as árvores, há um prédio.

É grande, antigo, e está meio destruído. Parte das paredes caiu, o mato cresceu por dentro das janelas quebradas, e trepadeiras cobrem a fachada inteira. Parece que alguma coisa aconteceu ali, há muito tempo, e que ninguém nunca mais voltou.

A Cafua de Pesquisa.

Pelo menos é o que eu acho, até entrar.

Os corredores são compridos, cheios de portas numeradas. Atrás delas, salas com fileiras de carteiras viradas, quadros-negros rachados, armários tombados. Salas de aula. Dezenas delas, todas destruídas, cobertas de poeira e de folhas secas.

Não é uma cafua. É uma universidade. Uma universidade antiga, abandonada no meio da floresta.

Mas, quanto mais eu avanço, mais coisas estranhas aparecem. Uma máquina num canto, ainda ligada, com uma luz verde piscando. Um computador que acende quando eu passo. Equipamentos em bom estado no meio dos escombros.

Alguém vem ali de vez em quando.

* * *

A última sala fica no fim do último corredor.

E ela é diferente de tudo o que eu vi no prédio.

Está inteira. Restaurada. As paredes limpas, o chão limpo, as bancadas no lugar, as máquinas zumbindo, ligadas, cheias de luzes e de telas. É como se o resto da universidade tivesse parado no tempo e só esta sala tivesse continuado.

Presos em máquinas, em cápsulas de vidro ao longo das paredes, estão eles. Palkia. Dialga. Giratina. Mesprit. Uxie. Azelf.

E o Mew.

No meio da sala, de costas para mim, com as mãos sobre um painel cheio de botões, está o Taldo. As máquinas em volta dele começam a brilhar mais forte. A invocação do Arceus está começando.

Desta vez, eu cheguei a tempo.

* * *

O Taldo não se vira de imediato. Termina o que está fazendo no painel, com calma. Só depois olha para mim.

— É claro que você viria.

Ele sorri. O mesmo sorriso da Rota 4, que não chega aos olhos.

— Não sou ingênuo o bastante para não me preparar para este momento. — Ele dá alguns passos pela sala, as mãos para trás. — Todo esse tempo em que eu estudei clonagem... fracasso após fracasso. E sabe por quê? Porque eu não tinha a peça-chave. O Mew.

Ele olha para a cápsula onde o Mew está preso.

— E agora, depois de todos esses anos, eu o capturei. Eu posso clonar o que quiser. O que eu quiser. E não foi só isso: capturei

também os trios que me permitem invocar o verdadeiro criador.

Ele se volta para mim.

— Tudo começou a entrar nos eixos. "Não é possível destruir algo que o mesmo não criou." Essa frase foi marcante. Falta pouco para criar o novo mundo. O Arceus está quase nas minhas mãos.

Ele inclina a cabeça, me estudando.

— E você, Pedro... é realmente impressionante. Chegou até aqui, assim como eu. Não somos tão diferentes, você e eu. — A voz dele fica mais baixa. — Nós dois sabemos o que vai acontecer aqui agora.

Ele tira uma Pokébola do paletó.

— Venha, Pedro. Eu te desafio.

* * *

O primeiro Pokémon dele é um Mew.

Por um segundo, olho para a cápsula na parede. O Mew continua lá, preso.

O Taldo joga a segunda Pokébola. Outro Mew. E a terceira. E a quarta.

Seis Pokébolas. Seis clones do mesmo Mew.

É o time mais difícil que eu já enfrentei na vida. Os Mews mudam de golpe, de estratégia, de tipo, se adaptam a cada coisa que eu faço. Parece que estou lutando contra seis Pokémon diferentes ao mesmo tempo, e contra nenhum. Perco a conta de quantas vezes eu acho que acabou.

Não acaba.

E então o primeiro Mew cai. E, em vez de voltar para a Pokébola, ele some. Ali mesmo, no chão da sala, sem barulho nenhum, como se nunca tivesse existido.

O segundo cai e some do mesmo jeito. Depois o terceiro.

No fim, o último Mew cai. E desaparece também.

* * *

O Taldo fica um longo tempo em silêncio, olhando para a arena. Depois olha para mim.

— Parabéns, Pedro. — A voz dele está calma de novo, mas há alguma coisa diferente nela. — Talvez não exista nada capaz de te derrotar.

Ele ajeita o paletó.

— Você venceu.

E corre para a saída dos fundos.

Corro atrás dele, mas ele já está longe, e as máquinas da sala começam a apitar e a perder o brilho, a invocação desfeita. Paro na porta dos fundos. O Taldo sumiu na floresta.

Ao me virar para voltar, quase piso em alguma coisa no chão.

Olho para baixo.

É uma caixinha fina e quadrada. Abro. Dentro dela, há um disco prateado.

Um CD.

Ele deixou cair quando fugiu.

Fico olhando para aquilo na minha mão. Um CD. Ninguém mais usa CD. Isso é coisa do começo dos anos 2000.

Olho em volta da sala. Num canto, em cima de uma das bancadas, há uma televisão antiga e, embaixo dela, um aparelho de DVD tão velho quanto o CD.

Coloco o disco na gaveta. Aperto o play.

A tela fica preta. Depois cinza, cheia de chuviscos. E então aparece uma imagem granulada, vista do alto, do canto de uma sala.

É a gravação de uma câmera de segurança.

No canto da tela, uma data: 30/06/2003.

PARTE 10

Sala de aula 3

A IMAGEM MOSTRA UMA SALA DE AULA VISTA DO ALTO. Fileiras de carteiras, um quadro cheio de fórmulas, janelas grandes com árvores do lado de fora. No canto de baixo da tela, além da data, uma legenda: Sala de aula 3.

É uma sala desta universidade. Antes de tudo isso.

Os alunos estão sentados, guardando os cadernos. Na frente da turma, um homem mais velho, de jaleco, termina de apagar o quadro. Ele se vira para os alunos e sorri.

— Antes de vocês saírem, o professor José tem um comunicado.

José.

A porta da sala se abre, e entra um homem.

Eu me inclino para perto da tela.

Ele é mais novo. Muito mais novo. O cabelo é outro, o rosto é mais fino, sem as rugas de agora. Mas o jeito de andar é o mesmo. O jeito de parar na frente da turma, de esperar o silêncio antes de falar, é o mesmo.

É o meu pai.

— Bom dia a todos.

— Bom dia, professor José! — responde a turma inteira.

— Pessoal, venho aqui em nome da nossa universidade para parabenizar o aluno Taldo.

Uma das cabeças da turma se levanta. Um rapaz magro, de uns vinte anos, sentado numa das primeiras fileiras. Eu reconheço o rosto antes mesmo de ouvir o nome de novo. Mais jovem, sem a roupa branca, sem o sorriso frio. Mas é ele.

— O Taldo foi homenageado pela universidade como destaque acadêmico — continua o meu pai. — A performance dele no nosso projeto de iniciação científica foi esplêndida.

A turma aplaude. O Taldo fica vermelho e coça a nuca, sem graça.

— Poxa, pessoal, eu não esperava por isso. — Ele ri, tímido. — Eu participo dessa pesquisa só pelo bem-estar dos Pokémon. É tudo o que eu desejo. Mas muito obrigado. Isso significa muito para mim.

Fico olhando para aquele rapaz na tela. Tento encontrar nele o homem da Ruína dos Unown, o homem do Pico da Neblina. Não consigo.

O professor de jaleco dá um passo à frente.

— Ah! E, meus alunos, quem tiver interesse em participar também pode me procurar depois da aula. — Ele fica sério. — Como vocês sabem, estamos com um problema sério de extinção de espécies de Pokémon por causa da exploração. Nós especulamos que, daqui a cem anos, vamos ter metade das espécies que temos hoje.

A sala fica em silêncio.

— Por isso, eu, o José e o Taldo estamos desenvolvendo uma maneira de repopular o mundo Pokémon. Acreditamos que, por meio da clonagem, podemos repopulá-los. E a repopulação por clonagem está se tornando real graças a essa pesquisa. — Ele sorri de novo. — Nós pretendemos salvar os Pokémon. Quem tiver interesse, é só me procurar no laboratório. Obrigado.

A imagem treme, os chuviscos voltam.

Uma pesquisa para repopular o mundo Pokémon. Para salvar espécies da extinção.

* * *

A segunda gravação começa.

A data no canto da tela mudou: 01/08/2003. E a legenda também: Laboratório Master.

Eu reconheço a sala na hora. As bancadas, as máquinas ao longo das paredes, a disposição de tudo. É esta sala. A última sala da cafua, onde eu estou agora, onde eu acabei de enfrentar o Taldo. Só que, na tela, ela está nova, cheia de papéis e de equipamentos.

O professor de jaleco e o meu pai estão de pé perto de uma das bancadas. Os dois estão sérios.

— Alberto — diz o meu pai —, eu conversei com a reitoria a respeito da nossa descoberta da semana passada. Vamos ter que cancelar a pesquisa.

Alberto.

— Entendo, José.

— A clonagem de seres humanos pode ser muito nociva à nossa espécie e à dos Pokémon. — O meu pai passa a mão pelo rosto. — A clonagem de seres humanos é realmente um problema enorme. Eu concordei com a decisão da reitoria. Vamos cancelar. Por mais que a gente queira muito resolver o problema da extinção, temos que dar preferência à nossa própria espécie.

Clonagem de seres humanos.

O Alberto fica um tempo olhando para as máquinas.

— O Taldo vai ficar arrasado...

— Imagino...

— Voltar das férias e receber a notícia de que a pesquisa foi cancelada... — O Alberto balança a cabeça. — Não sei como ele vai reagir.

A imagem treme de novo.

* * *

A terceira gravação.

04/08/2003. Laboratório Master.

A sala está vazia e escura. Só algumas luzes das máquinas, piscando.

A porta se abre, e o Taldo entra. Sozinho.

Ele não acende a luz. Anda direto até as máquinas, com passos rápidos, duros. Mesmo na imagem granulada, dá para ver: ele está com raiva. Frustrado. Começa a mexer nos painéis, apertando botões, girando chaves, ligando uma máquina depois da outra.

As máquinas respondem. As luzes aumentam. O zumbido sobe.

Por alguns minutos, parece que está tudo bem.

Então alguma coisa muda.

Uma luz vermelha começa a piscar num dos painéis. Depois em outro. Um alarme dispara, e a sala inteira fica vermelha. As telas se enchem de mensagens de erro, uma em cima da outra, rápido demais para ler. O Taldo recua um passo, olhando para os painéis sem entender, apertando botões ao acaso.

A porta se abre de novo.

— Não faça isso, Taldo! Saia daí!

É o Alberto. Ele atravessa a sala correndo, na direção do Taldo, na direção das máquinas.

E a tela fica branca.

* * *

Quando a imagem volta, a sala está destruída.

As bancadas estão viradas, os vidros estilhaçados cobrem o chão, as máquinas viraram carcaças retorcidas, soltando faíscas e fumaça.

A câmera, torta, ainda grava.

No meio dos destroços, o Alberto está caído no chão.

A poucos metros dele, o Taldo se levanta, tossindo, sujo de fuligem, a roupa rasgada. Leva um segundo para entender onde está. Quando entende, corre.

— A... Alberto!?

Ele se ajoelha ao lado do Alberto e tenta erguê-lo pelos ombros.

— Arghhh. — A voz do Alberto sai fraca, arranhada, pelo alto-falante velho da televisão. — Não estou bem... Não devo conseguir sair dessa, não há mais chance para mim.

— Me dê apenas mais alguns minutos, eu não posso deixar você aqui!

— Você ainda é jovem. Não pode desperdiçar tudo por um velho como eu.

— Mas eu...

— Pare com isso! Fuja daqui agora, e jamais desista do seu sonho outra vez. A pesquisa deve continuar. Precisamos aprender a clonar Pokémons, o mundo está precisando disso. Você precisa disso...

A mão do Alberto aperta o braço do Taldo.

— E por favor, quando for preciso, cuide bem dele...

— Alberto!???

A mão escorrega e cai no chão, entre os cacos de vidro.

— NÃÃÃÃÃO!

O Taldo fica ali, ajoelhado, os ombros tremendo, a testa encostada no peito do Alberto.

— Eu vou... — A voz falha. — Eu vou continuar... Eu prometo!

A imagem treme uma última vez, e a tela fica preta.

* * *

Fico um tempo sentado no chão do Laboratório Master, olhando para a tela preta.

O zumbido das máquinas. As cápsulas de vidro nas paredes. A sala restaurada, limpa, inteira, no meio de uma universidade em ruínas.

Esta é a sala. Foi aqui.

O Taldo reconstruiu esta sala inteira. E guardou esse disco.

Me levanto devagar e olho para as paredes.

Palkia. Dialga. Giratina. Mesprit. Uxie. Azelf. O Mew. Todos ainda presos, cada um na sua cápsula, olhando para mim através do vidro.

Vou até o painel no meio da sala, o mesmo em que o Taldo estava mexendo quando eu cheguei. Desta vez, sou eu que aperto os botões.

As cápsulas se abrem, uma depois da outra, com um chiado.

Os lendários saem. Ficam um momento no ar, no meio da sala, sem se mexer. Depois, um por um, vão embora: some um, some outro, uma luz, um rasgo no ar, um brilho na direção do teto. O último a sair é o Mew. Ele dá uma volta em torno de mim, uma volta só, e desaparece.

A sala fica em silêncio.

Agora sim, acabou.

* * *

Saio da Cafua de Pesquisa e volto para Rio Branco.

Ainda falta uma coisa. A última insígnia.

O décimo oitavo ginásio é de tipo Dragão. É o maior ginásio que eu já vi, com um teto altíssimo e estátuas de pedra de dragões nas paredes, e o ar lá dentro parece vibrar. O líder é o Betinho Carlos, e os Pokémon dele são enormes, poderosos, assustadores.

É uma batalha longa. Mas, depois do Taldo, depois de seis Mews, nada mais me assusta.

Eu venço.

O Betinho Carlos me entrega a décima oitava insígnia.

Eu a coloco junto das outras e fico olhando para todas. Dezoito. "Dezoito!", tinha dito a minha avó, lá em Goiânia, no começo de tudo, como se fosse a melhor notícia do mundo.

Agora só falta a Liga.

* * *

Voo para Goiânia e sigo para o norte, rumo a Brasília, pelo Caminho dos Campeões.

O caminho atravessa a Caverna da Vitória, uma caverna longa, escura, cheia de treinadores fortes que também querem chegar à Liga. Batalho com eles, um por um, e saio do outro lado.

Do outro lado fica o Plano Piloto.

E, logo no começo dele, no meio do caminho, alguém está me esperando.

O Alê.

* * *

Ele está de pé no meio da estrada, sem Pokébola na mão, sem o sorriso de sempre. Quando me vê chegando, não se mexe. Espera eu parar na frente dele.

— Oi, Pedro.

Eu não respondo. Espero.

— Eu sei o que você pensa de mim agora. — Ele olha para o chão. — Queria que você entendesse que eu não fiz tudo aquilo contra você. Eu fiz a favor do Taldo.

O vento passa entre nós.

— Sabe... ele foi, para mim, o pai que eu nunca tive. — A voz dele fica mais baixa. — Todos esses anos em que você teve o seu pai por perto... Eu olhava para vocês dois. E eu só queria isso também.

Ele respira fundo.

— O meu pai morreu quando eu tinha só dois anos. Num acidente. Mas o Taldo apareceu e me ensinou tanta coisa. Ele sempre esteve comigo, desde que a gente se conheceu. Coisa que um pai faria.

Ele levanta os olhos para mim.

— Eu sempre soube de tudo, Pedro. De todos os planos deles. Mas eu não queria perder aquela sensação de ter um pai. Mesmo que isso me fizesse tomar decisões dolorosas.

Ele fica em silêncio por um tempo.

— Talvez eu estivesse errado.

Mais silêncio.

— Me desculpa.

Eu olho para ele. Para o garoto que me esperou no meio da Rota 14 com um Tynamo, dizendo que, se a gente ia começar aquela jornada, que fosse com uma batalha. O garoto que me deu um berimbau. O garoto que ficou me esperando na Rota 18.

Ele pega uma Pokébola, quase sem graça.

— Pois bem. Vamos fazer a nossa batalha?

Como nos velhos tempos.

— Vamos.

* * *

Ele luta bem. Luta melhor do que nunca, e luta solto, sem pressa, quase leve. Em alguns momentos, ele até ri de uma jogada que dá errado.

Eu venço de novo.

O Alê recolhe o Pokémon, balança a cabeça e sorri. Um sorriso pequeno, cansado, mas de verdade.

— Você é mesmo diferenciado, cara.

E, como sempre, sai na minha frente, rumo a Brasília.

* * *

O Plano Piloto é enorme. Do alto, dizem, ele tem o formato de um avião. Eu atravesso a área inteira a pé, as asas, o corpo, até chegar ao fim.

Brasília.

A Liga Pokémon é um prédio imenso, branco, de linhas retas, no coração da cidade. Paro na frente dele e só olho. Tudo começou numa manhã em Nova Lima, com um diploma na mão e um estrondo vindo do laboratório. E me trouxe até aqui.

Entro.

* * *

A primeira da Elite dos 4 é a Clarice Lispector. Ela me recebe numa sala silenciosa, cheia de livros.

— Bom te ver, Pedro! — Ela sorri como quem reencontra um conhecido. — Desta vez será diferente.

Desta vez?

Não tenho tempo de perguntar. A batalha começa, e ela é dura, resistente, os Pokémon dela aguentando golpe atrás de golpe. Mas eu venço.

— Esplêndido, mais uma vez. — Ela fecha o livro que tinha nas mãos. — Você conquistou esta vitória contra a treinadora com a maior quantia de vida do Brasil.

* * *

O segundo é o Ayrton Senna. A sala dele parece uma pista de corrida.

— Já está de volta, Pedro? — Ele coloca o capacete debaixo do braço. — Vamos à nossa batalha!

De volta?

Os Pokémon dele são os mais rápidos que eu já vi, atacam antes que eu consiga terminar uma ordem. Mas, no fim, eu venço.

— Parabéns! Você conquistou esta vitória contra o treinador mais rápido do Brasil.

* * *

O terceiro é o Pelé. Ele me espera no meio de um campo de futebol, com a bola debaixo do pé.

— Pedro... — Ele abre os braços. — King of Pokémon! Teremos a nossa batalha.

Os golpes dele são os mais fortes que eu já recebi. Cada ataque parece um chute no ângulo. Mas eu venço.

— Mestre. — Ele faz uma pequena reverência. — Você conquistou esta vitória contra o maior atacante do Brasil.

* * *

O último é o Santos Dumont. A sala dele é cheia de mapas, hélices e desenhos de máquinas voadoras.

— Olá, Pedro. — Ele ajeita o chapéu. — A nossa batalha será lendária. Novamente.

Os ataques dele vêm de todos os lados, poderosos, precisos. É a batalha mais difícil da Elite dos 4. E eu venço.

O Santos Dumont olha para o último Pokémon caído e sorri.

— De novo, certo? — Ele balança a cabeça. — Você conquistou esta vitória contra o treinador de maior ataque especial do Brasil.

Eu não respondo.

Atrás dele, uma porta se abre. A porta da sala do campeão.

* * *

A sala do campeão é a maior de todas. O chão brilha, as paredes são altas e claras, e no fundo, sobre uma plataforma, há um treinador de pé, esperando por mim. O Campeão do Brasil.

Eu subo a escada, devagar, um degrau de cada vez.

E paro.

O treinador na plataforma tem a minha altura. A minha roupa. O meu cabelo. O meu rosto.

Ele me olha de volta, sem piscar.

Na minha frente, esperando para lutar comigo, estou eu mesmo.

PARTE 11

A sala do campeão

Um movimento, atrás do outro eu, no fundo da plataforma.

Alguém sai de trás dele, devagar, sem pressa nenhuma. Roupa branca. Impecável. Como se nada tivesse acontecido na Cafua de Pesquisa. Como se ele nunca tivesse perdido.

O Taldo.

— Não achou que seria fácil assim, achou, Pedro?

Ele para ao lado do clone, com uma das mãos no ombro dele, e olha para mim lá de cima.

— Você me fez tomar medidas drásticas, Pedro. Tudo o que nós mais temíamos que acontecesse com a nossa pesquisa... precisou ser feito para te parar.

Ele olha para o treinador ao lado dele. Para mim. Para o outro eu.

— Eu te clonei. — A voz dele não treme. — Clonei um ser humano.

— Durante a nossa batalha na Cafua de Pesquisa, eu gravei cada movimento seu. Cada ordem, cada escolha, cada reação. Para criar um clone com exatamente o mesmo estilo de batalha. — Ele cruza as mãos atrás das costas. — Eu sabia que não ia conseguir te derrotar. Ninguém conseguiu.

Ele vira a cabeça e me olha nos olhos.

— A única pessoa que te derrotou em toda a sua jornada foi você mesmo. Não se lembra? Na Cafua de Treinamento. — Um sorriso pequeno, quase gentil. — O chamado Mascarado.

Eu não digo nada.

Ele sabe. De algum jeito, ele sabe.

O Taldo tira a mão do ombro do clone e dá um passo para o lado, deixando a plataforma livre entre nós dois.

— Se quiser me parar, Pedro, vai ter que derrotar a si mesmo.

* * *

O outro eu tira uma Pokébola do cinto. Do mesmo jeito que eu tiro. Com a mesma mão.

E joga o meu primeiro parceiro.

O mesmo. Não um parecido: o mesmo Pokémon, com as mesmas marcas, a mesma postura, o mesmo jeito de olhar para mim antes de cada golpe.

Eu jogo o meu. Os dois se encaram no meio da arena, idênticos.

É a batalha mais estranha que eu já lutei. Mais estranha do que a do corredor da Cafua de Treinamento, porque lá eu sabia o que o outro ia fazer. Aqui, o outro sabe o que eu vou fazer. Cada plano que eu monto, ele já montou. Cada golpe que eu escolho, ele já está esperando. É como jogar xadrez contra um espelho.

Então eu paro de jogar como eu jogaria.

Lembro do Mascarado no corredor. De como era perder para alguém que sabe tudo o que você vai fazer.

Faço uma jogada que eu nunca fiz.

O outro eu hesita. Só por meio segundo. Mas é o suficiente.

Golpe a golpe, Pokémon a Pokémon, eu vou passando à frente. E, quando o último Pokémon dele cai, eu continuo de pé.

Venci a mim mesmo.

* * *

O Taldo está parado no canto da sala, olhando para a arena. Pela primeira vez desde que eu o conheci, ele não parece calmo.

— Não pode ser... — Ele dá um passo para trás. — Isso é impossível. Ele se superou.

— Taldo.

A voz vem da porta. Uma voz baixa, contida, que eu conheço a vida inteira.

O meu pai entra na sala do campeão. E, logo atrás dele, o Alê.

O Taldo se vira para os dois, e o rosto dele perde a cor.

— José?! — Ele olha para o Alê. — Alê?!

O meu pai para no meio da sala. Olha para o Taldo por um longo tempo, sem pressa.

— Eu sabia que era você por trás de tudo isso. — Cada palavra pesando. — Você conseguiu enganar cinco equipes criminosas... só para alcançar o seu objetivo. Mas agora essa loucura acabou.

Ele faz uma pausa.

— Imagina o que o Alberto diria...

O Alê, que estava olhando para o chão, levanta a cabeça.

— Alberto...?

* * *

O Taldo fecha os olhos. Quando abre, toda a calma de antes já foi embora.

— Agora eu perdi... — A voz dele sai cansada. — Não tenho mais motivo para esconder nada. Sim. A morte do Alberto foi culpa minha.

— Não! — O Alê dá um passo à frente.

— Eu entrei no laboratório e liguei as máquinas. Elas iam explodir... O Alberto me salvou. — O Taldo engole em seco. — Mas

morreu.

— TALDO!

— Foi um acidente, Alê!

O Alê está tremendo. Os punhos fechados, os olhos cheios d'água.

— O Alberto era o meu pai...

— Eu sei! — O Taldo grita. — E eu te criei como um filho, assim como ele faria!

E por favor, quando for preciso, cuide bem dele...

— Taldo, eu confiei em você como um pai! — A voz do Alê quebra. — Como você pôde fazer isso comigo?!

— Era exatamente isso que o seu pai faria! Ele também queria continuar a pesquisa!

— Que pesquisa?! Você queria exterminar os Pokémon!

O Taldo para.

E, devagar, começa a rir. Um riso baixo, sem graça nenhuma.

— Ah, sim... Isso você também não sabe.

* * *

Ele levanta a cabeça e olha para nós três.

— Eu menti. Para vocês e para todas as equipes. O meu objetivo nunca foi exterminar os Pokémon.

Silêncio na sala do campeão.

— Eu amo os Pokémon. — A voz dele fica mais baixa. — Amo mais do que tudo. Eu quero que eles sejam sempre felizes.

O meu pai fecha os olhos por um instante.

— E eu sei o que os seres humanos fazem com eles. — A voz do Taldo vai subindo de novo. — Os seres humanos os exterminam. E, muitas vezes, os escravizam dentro de Pokébolas! Os obrigam a lutar até a morte contra os seus iguais!

Ele aponta para a arena, para os Pokémon caídos.

— O problema sempre foram os seres humanos!

Ninguém responde.

— O meu objetivo era capturar o Mew para repopular o mundo Pokémon e impedir a extinção. Mas eu percebi que isso não seria suficiente. — Ele respira fundo. — Eu precisava separá-los dos seres humanos. Então fui em busca do verdadeiro criador. O Arceus. Para criar um outro mundo, só para os Pokémon.

Ele faz uma pausa.

— Um mundo novo. Para que eles possam ser felizes. Sem os humanos!

— Não! — O Alê avança. — Taldo, não! Os Pokémon nos amam, assim como nós amamos eles!

O Taldo olha para ele por um longo tempo. E a pergunta que ele faz sai calma, quase gentil.

— Você tem certeza disso? — Ele inclina a cabeça. — Foi o seu Pokémon que quis entrar na Pokébola por vontade própria?

O Alê abre a boca. E não diz nada.

O Taldo olha para cada um de nós. Para o Alê. Para o meu pai. Para mim.

— Vocês conseguiram. Vocês vão acabar com os Pokémon.

Ele se vira para a porta.

— Quem são os verdadeiros vilões aqui?

E vai embora.

Ninguém o impede.

* * *

Quando me viro de volta para a arena, o outro eu está desaparecendo.

Simplesmente desaparece, sem barulho, como uma imagem que se apaga. E, um a um, os Pokémon clonados caídos no chão da arena desaparecem com ele.

Não sobra nada. Só o chão brilhante e os meus Pokémon, de pé, olhando para o lugar vazio.

O Alê ainda está parado no meio da sala, olhando para a porta por onde o Taldo saiu. Ele não chora mais. Só fica ali.

O meu pai vai até ele e coloca a mão no ombro dele. O Alê não se afasta.

* * *

Depois de um tempo, o meu pai vem até mim.

Ele para na minha frente e fica me olhando, do mesmo jeito que me olhou no ginásio de Florianópolis.

— Pedro. — A voz dele falha um pouco. — Meu filho querido.

Ele segura os meus ombros.

— Você conquistou o Brasil. Ganhou a Liga Pokémon. Impediu os planos do Taldo. Você se tornou o verdadeiro Campeão. — Ele sorri. — Um pai não poderia ficar mais orgulhoso.

Eu não consigo dizer nada.

Ele aponta para uma porta no fundo da sala, atrás da plataforma.

— À frente é o Hall da Fama, onde somente os Campeões podem entrar. — Ele me solta e dá um passo para o lado. — Ele é todo seu.

* * *

A porta se abre para uma sala comprida e silenciosa, iluminada por uma luz suave, quase dourada. As paredes estão cheias de nomes. Os nomes dos Campeões do Brasil.

No fim da sala, há uma máquina antiga, de metal e vidro: a máquina de cura sagrada.

Tiro as Pokébolas do cinto, uma por uma, e as coloco na máquina. O meu primeiro parceiro, o que eu escolhi entre quarenta e duas

Pokébolas no quintal do Professor Oliveira, numa manhã de dezembro. E todos os outros que vieram depois.

A máquina se acende. Uma luz percorre as Pokébolas, uma de cada vez.

E, quando ela se apaga, eu sou oficialmente o Campeão do Brasil.

* * *

Fico um tempo ali, sozinho no Hall da Fama, olhando para os nomes nas paredes.

Penso no garoto que acordou numa manhã de dezembro, olhou para a data no canto da tela do computador e desceu as escadas de dois em dois degraus. Ele não sabia de nada. Não sabia do Taldo, do Alberto, da universidade no meio da floresta. Não sabia que ia encontrar a si mesmo, mais de uma vez.

E penso no Taldo, saindo pela porta da sala do campeão, sem que ninguém o impedisse.

Não sei para onde ele foi.

Mas a pergunta dele ainda está aqui, na sala, comigo.

F I M